

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes

BARBARA DOS SANTOS

GESTOS DE CRIAÇÃO ENTRE IMAGENS E PALAVRAS:
poetizar o silêncio, escrever em ruínas

São Paulo
2024

BARBARA DOS SANTOS

GESTOS DE CRIAÇÃO ENTRE IMAGENS E PALAVRAS:
poetizar o silêncio, escrever em ruínas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PROF-Artes), com a área de concentração em Ensino de Artes, do Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (UNESP), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Artes.

Linha de pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes

Orientadora: Profª Dra. Eliane Patricia Grandini Serrano

São Paulo

2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S237g Santos, Barbara dos, 1989-

Gestos de criação entre imagens e palavras : poetizar o silêncio, escrever em ruínas / Barbara dos Santos. -- São Paulo, 2024.

114 f. : il.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Eliane Patricia Grandini Serrano.

Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Arte na educação. 3. Fotografia na educação. 4. Criação (Literária, artística, etc.). 5. Poesia. I. Serrano, Eliane Patricia Grandini. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707.1

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

BARBARA DOS SANTOS

GESTOS DE CRIAÇÃO ENTRE IMAGENS E PALAVRAS:
poetizar o silêncio, escrever em ruínas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PROF-Artes), do Instituto de Artes da UNESP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Artes.

Dissertação aprovada em **01/03/2024**

Banca Examinadora:

Profª Dra. Eliane Patricia Grandini Serrano

(Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / UNESP Bauru)

Orientadora

Profª Dra. Lucimar Bello Pereira Frange

(Universidade Federal de Uberlândia/Aposentada)

Profª Dra. Camila Serino Lia

(Grupo de pesquisa GPIHMAE / Instituto de Artes - UNESP)

Suplentes:

Prof. Dr. Sidiney Peterson Ferreira de Lima (IA/UNESP)

Profª Dra. Andréia Regina de Oliveira Camargo (UFSCar/Sorocaba)

AGRADECIMENTOS

À Professora orientadora Eliane Patricia Grandini Serrano (FAAC/UNESP Bauru) pela caminhada até aqui;
Às Professoras Lucimar Bello Pereira Frange (UFU/Aposentada) e Camila Serino Lia (IA/UNESP) pela leitura carinhosa e atenta sobre estes escritos;
À Professora Andréia Regina de Oliveira Camargo (UFSCar/Sorocaba) pela suplência na banca;
Aos Professores Rejane Galvão Coutinho (IA/UNESP), Sidiney Peterson Ferreira de Lima (IA/UNESP), Pio de Sousa Santana (OPAE), Tarcila Lima da Costa (FAAC UNESP/Bauru), Simone Carleto (IA/UNESP) e César Donizeti Pereira Leite (IB UNESP/Rio Claro) pelas aulas, conversas e orientações;
À equipe de funcionários do Instituto de Artes da UNESP;
Aos ingressantes do Curso de Mestrado PROF-Artes 2022: Ana Cláudia, Charles, Drieli, Erick, Hanansue, Júlia, Juliana, Liciane, Priscila, Renata, Simone, Suzi, Vanessa e Xica. Com vocês, este percurso ficou mais doce, delicado e instigante.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

fotógrafo ambulante

Fixador de corações
Debaixo de blusas
Álbum de dedicatórias
Maquereau

Tua objetiva pisca-pisca
Namora
Os sorrisos contidos
És a glória

Oferenda de poesia às dúzias
Tripeça dos logradouros públicos
Bicho debaixo da árvore
Canhão silencioso do sol

Oswald de Andrade

SANTOS, Barbara dos. **Gestos de criação entre imagens e palavras**: poetizar o silêncio, escrever em ruínas. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2024.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de compartilhar uma experiência estética/estésica na aula de Arte de uma escola pública do município de Campinas/SP com estudantes de 9º ano do Ensino Fundamental, por meio da fotografia como possibilidade para pensar e recriar o cotidiano, a partir de ações como olhar, caminhar, habitar, reinventar, escavar, costurar, grafar, arriscar e contaminar como indicativos para a produção de imagens e escritas propositivas. Ao mesmo tempo, a pesquisa também se desdobra e investiga os percursos de viagem da pesquisadora ao longo de sua carreira docente, na relação com a poesia e com a fotografia, na qual os escritos sobre as imagens também se revelam como textos imagéticos à medida que a descrição também fornece elementos para a elaboração de outros cenários de experimentação da imagem e da palavra no campo expandido em processo. Portanto, o presente trabalho pretende contribuir para o Ensino de Arte na escola pública, a partir da aposta entre imagens e palavras como materialidades para se produzir, criar, inventar e potencializar os processos de criação dos estudantes, por meio da caminhada como forma de ocupar os (entre)lugares do corpo na escola.

Palavras chave: Ensino de Arte. Processos de criação. Fotografia. Literatura. Cotidiano escolar.

SANTOS, Barbara dos. **Creation gestures between images and words**: poeticizing silence, writing in ruins. Dissertation (Master of Arts) - Institute of Arts, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2024.

ABSTRACT

This work aims to share an aesthetic/aesthetic experience in Art class of a public school in Campinas city , São Paulo, with students in the 9th year of Elementary School, through photography as a possibility for think and recreate the daily life, from actions such as look, walk, dwell, reinvent, dig, sew, write, risk and contaminate as indications for production of images and propositional writings. At the same time, the research also unfolds and investigates the researcher's journeys throughout her teaching career, in her relationship with poetry and photography, in which the writings about the images are also revealed as imagetic texts, as the description also provides elements for the elaboration of other scenarios for experimenting with image and word in the expanded field in process. Therefore, this work aims to contribute to Art Teaching in public school, from the bet between images and words as materialities for produce, make, invent and boost the student’s creative processes, through walking as a way occupy the in-between places the body at school.

Keywords: Art Teaching. Creation processes. Photography. Literature. School life.

SANTOS, Barbara dos. **Gestos de creación entre imágenes y palabras**: poetizar el silencio, escribir en ruinas. Disertación (Maestría en Letras) - Instituto de Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2024.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es compartir una experiencia estética/estética en el aula de arte de una escuela pública del municipio de Campinas/SP con alumnos del 9º año de la enseñanza primaria, a través de la fotografía como posibilidad de pensar y recrear la vida cotidiana, a partir de acciones como mirar, caminar, habitar, reinventar, cavar, coser, escribir, arriesgar y contaminar como indicaciones para la producción de imágenes y escrituras propositivas. Al mismo tiempo, la investigación también despliega e indaga en los recorridos de la investigadora a lo largo de su carrera docente, en su relación con la poesía y la fotografía, en la que los escritos sobre las imágenes también se revelan como textos imagéticos ya que la descripción también aporta elementos para la elaboración de otros escenarios de experimentación con la imagen y la palabra en el campo expandido en proceso. Por lo tanto, este trabajo pretende contribuir a la enseñanza del arte en las escuelas públicas, a partir de la apuesta entre imágenes y palabras como materialidades para producir, crear, inventar y potenciar los procesos creativos de los alumnos, a través del caminar como forma de ocupar los lugares (intermedios) del cuerpo en la escuela.

Palabras clave: Enseñanza artística. Procesos de creación. Fotografía. Literatura. Vida escolar cotidiana.

CORPO DE IMAGENS

fotografias

travessia 1 - marília/sp p. 15 - 15

travessia 2 - paulínia/sp p. 16 - 16

travessia 3 - são josé do rio preto/sp p. 17 - 17

travessia 4 - sales/sp p. 18 - 18

travessia 5 - são paulo/sp p. 19 - 19

travessia 6 - aparecida/sp p. 20 - 20

acerolas p. 22 - 22

olhar p. 25 - 26

caminhar p. 28 - 29

habitar p. 31 - 32

reinventar p. 34 - 35

escavar p. 37 - 38

costurar p. 40 - 41

grafar p. 43 - 44

arriscar p. 46 - 47

contaminar p. 49 - 50

experimentações entre recorte e colagem p. 52 - 53

linhas p. 58 - 58

dobra 1 p. 61 - 61

dobra 2 p. 63 - 63

campografias visuais - chão p. 68 - 69

campografias visuais - linhas p. 71 - 72

campografias visuais - esconderijo p. 74 - 74

campografias visuais - elevado p. 76 - 77

campografias visuais - lampejos p. 80 - 80

recolher folhagens, restos de passagem p. 82 - 95

mosaico visual em tons acinzentados, terrosos p. 98 - 101

mosaico visual em tons esverdeados, ruidosos p. 102 - 105

mosaico visual em tons azulados, indefinidos p. 106 - 108

mosaico visual em tons misturados, fissurados p. 109 - 110

colagens

mapa para romper os pensamentos p. 51 - 51

compor entre planos sinestésicos p. 54 - 55

SUMÁRIO

andanças de uma arte-educadora em travessia
13 - 20

experiências com as/os estudantes: possibilidades estéticas/estésicas na aula de Arte e na escola
22 - 56

fotografar o sobre: metáforas docentes em recortes de criação
58 - 63

gramática da terra e as grafias do chão
65 - 80

recolher folhagens, restos de passagem
82 - 95

mosaico cromo-imagético em tessituras visuais
97 - 110

[...] reticências para outras cartografias [...]
112 - 112

referências
114 - 114



andanças de uma arte educadora em travessia

experiências com as/os estudantes: possibilidades estéticas/estésicas na aula de Arte e na escola

fotografar o sobre: metáforas docentes em recortes de criação

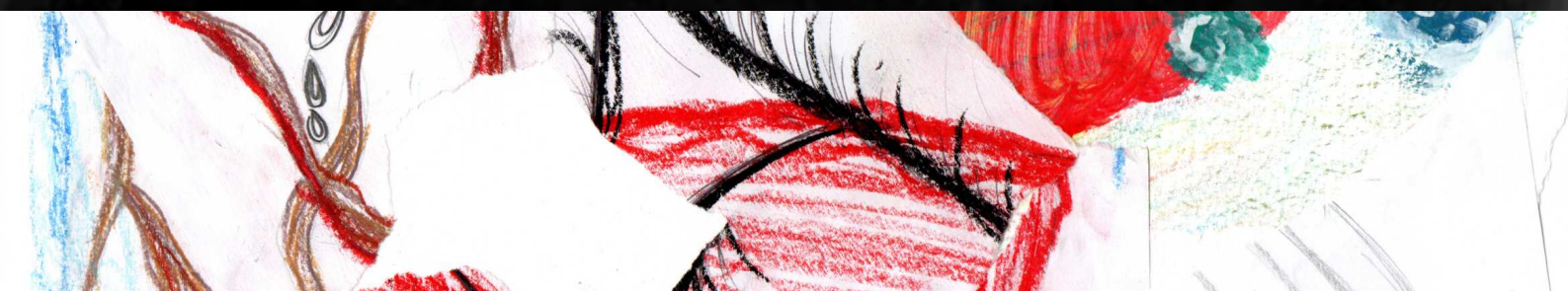
gramática da terra e as grafias do chão

recolher folhagens, restos de passagem

mosaico cromo-imagético em tessituras visuais

reticências para outras cartografias

referências



andanças de uma arte-educadora em travessia

Que corporalidades residem na fotografia e que nos permitem mergulhar na intensidade e na relação dos corpos e das imagens na cena contemporânea? Trata-se de atravessar o tempo e o espaço e perceber as corporalidades que transitam e reverberam por entre imagens. A sequência das fotografias apresentadas a seguir foram denominadas *travessias* a partir das andanças de uma professora e arte-educadora e que reverberam no corpo de uma mestranda em processo. As foto(corporalidades) nos trazem vários elementos para pensar o gesto nas multidões, o cotidiano, o que é compartilhado, de travessias comuns que nos afetam de um modo ou de outro. Qual gesto encena o silêncio e os ruídos que nos convocam a olhar as imagens? Que corporalidade reside na silhueta? O pisar no chão risca na superfície porosa a realidade de quem está sozinha numa cidade desconhecida. O corpo é solidão em rito de passagem, ao mesmo tempo em que se conecta com o mundo e abrem novas perspectivas em linhas de fuga. Ao tecer os entrelugares da performance, atravessamos os corpos em foto(corporalidades): que travessias queremos habitar? O gesto do performer-fotógrafo se mostra na imagem e acontece como o deslocar de um corpo que percebe o acontecimento para uma ação de intervenção diante da imagem. Os corpos atravessam as imagens, habitam as memórias, residem em histórias, emocionam e provocam tensionamentos. O que pode um performer-fotógrafo construir na cena cotidiana? E um corpo flutuante atuando no campo expandido da cena contemporânea? Quais são os entrelugares do corpo e que travessias queremos habitar? É preciso parar. É preciso repousar e... respirar e, então, continuar.

Travessias são as andanças em corpos ritmados/fluidos, cheios de vazão, ligados por unimultiplicidade em expansão, de caminhos trilhados, percorridos, vivenciados na eterna busca pelo conhecimento e por apenas **ser**, em toda sua complexidade. Lugares que guardam o seu tempo, o seu espaço e são mediados pelo mundo ao redor, que se revelam em incertezas, angústias, indecisões, que nos tiram do lugar comum e nos projeta para (ar)riscar… riscar o ar que nos alimenta, riscar o que ainda não se sabe, se lançar à deriva e se deixar flutuar, à espera. Andanças de corpos que apenas querem estar, porque é legítimo apenas **ser**… Uma

arte-educadora que é contaminada pelas próprias andanças e que, de alguma forma, reverbera em escritos, poesias, pequenos fragmentos de criação.

> Paisagens do devir. Arte, enquanto território de invenção, é um devir que nos coloca em movimento, em mudança de velocidades, dimensões e direções, desvios de trajetórias e esperas. No plano do devir, há a urgência de criação contaminada de vida, nos envolvendo no platô da linguagem, da estesia, da invenção de problemas [...] (PICOSQUE; MARTINS, 2012, p. 128)

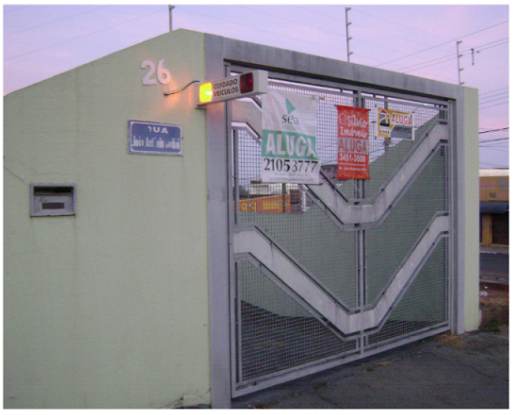
[...] Porque a minha memória é o meu lugar no mundo. Porque eu me descubro toda vez que tenho a câmera na mão. Um poste, uma luz no fundo, uma parede por fazer, uma casa não terminada, tudo é matéria e argumento para criação de narrativas visuais. Não acredito no acaso. Se elas estão na minha vista, haverá, sim, uma razão de ser. Ao pisar em um novo solo, meus dedinhos já começaram a coçar para o primeiro clique. Tenho a sensação de já ter estado naquele lugar. Não sei o porquê, mas a câmera sempre consegue um instante para celebrar. Uma, duas, três vezes é o suficiente para o repouso ocular. Continuo na saga de buscar outras respostas. Avisto um novo lugar, me preparo para estar lá. E de novo o ritual se recompõe. Respiro fundo e vou. Sem medo, só me deixando levar pelo momento de estar a sós (ou não) [...]

[...] Uma câmera é quase um recorte de saudade. O seu peso transporta todo o ouro da terra. Em pequenos retângulos, a magia acontece. O tremido, o chiado, o desfocado, o gradual... o assunto permanece intacto. Me lanço para perto do seu visor. Não, é preciso ampliar, olhar com outros olhos. Abro as imagens e lá estão elas. Do jeitinho que eu as vi, ou melhor, que o olho da câmera viu. Um olho (quase) humano de sentidos, de significados, de multiplicidade. Amplio o seu campo expandido, nos pequenos detalhes e ela se mostra pronta, como se sempre estivesse ali a me esperar. Uma câmera que corre o devir-tempo com fluidez, como a água do rio [...]











[...] Faço minhas malas, me dirijo à rodoviária. O ônibus se avista e mal posso esperar para chegar na terra da bolacha. Carrego tudo comigo: saudade, medo, alegria e um turbilhão de sentimentos. Me instalei na casa nova, pessoas outras, amizades para uma vida. Mas é hora de voltar. Coração apertado. Janelas que se abriram, uma hora irão se fechar. E o ciclo se abre novamente rumo a outra direção [...]











[...] Uma subida considerável à minha espera. Passeio de bicicleta. Ando pelas ruas e avenidas observando o movimento das pessoas, dos veículos, do que está por vir. Escritas e flechas indicando os muitos caminhos que tenho a seguir. Por onde começar? Por onde me aventurar? Múltiplas linhas guiam o horizonte. Olhos vidrados na paisagem. Um canteiro e muitas histórias. A mata verdinha é carregada de relva e orvalho no fim da tarde. É o fim da rodovia ou o começo dela? [...]











[...] No alto da janela toco os meus pés no chão. No céu azulzinho assisto a dança das nuvens. Na sacada escuto a sinfonia urbana: sons, buzinas, frenagens, sirenes. No descascar laranja, uma janela conta uma história ao seu hóspede. Quem ali habita leva uma lasca desse desbotar. Nas múltiplas janelas abertas, o meu olhar se prolonga e se perde no espaço. Hora de me recolher para o depois. Não sem antes me despedir do sol. Ele veio trazer a linha do tempo [...]

travessia 3 – carmin celestial











[...] A água clara e rasteira molha os meus pés. Sinto pedrinhas por entre os dedos. O caminho das águas é doce e delicado. Na borda da encosta, a areia quente se desmancha. É hora de calçar os sapatos. Uma casa se avista em minha direção. Olhar atento e generoso. Que segredos guardam os pinheiros? Ladrilhos que enunciam a passagem das pessoas. Um monumento que guarda a fé pelos tempos. Um jardim para se apreciar. Embaixo da árvore embarco na melodia delirante [...]

travessia 4 – banho de mar











[...] Fulgás. Espera. Vazio. Solidão. Onde habita o coração do imaginário? Que linhas tortuosas os meus pés contaram? Suplicaram? Nos paralelepípedos casuais, a cena cotidiana. Pessoas com seus corpos buscam o seu lugar. O (não) lugar. O(entre) lugar. Direito à cidade. Que cidade? Que direito? Corpos que se deslocam em trajetórias temporais. Dolorosas. O oco que não é o vazio. É o silêncio, ruído pulsante [...]











[...] Nas águas do mirante, o porto. No elevado, o trilho do trem. Acompanho os caminhos dos retirantes, dos romeiros e dos marianos. Na estrada que acabo de deixar, pessoas seguem os passos, com afinco, por horas, dias ou quem sabe, por meses. A fé que move as montanhas, move também os desejos e os sonhos por dias melhores. Ao tomar por si a grandeza do que é, o vale continua a sua estada, adentrando os espaços de passagem [...]

travessia 6 – caminhos da fé



andanças de uma arte educadora em travessia

experiências com as/os estudantes: possibilidades estéticas/estésicas na aula de Arte e na escola

fotografar o sobre: metáforas docentes em recortes de criação

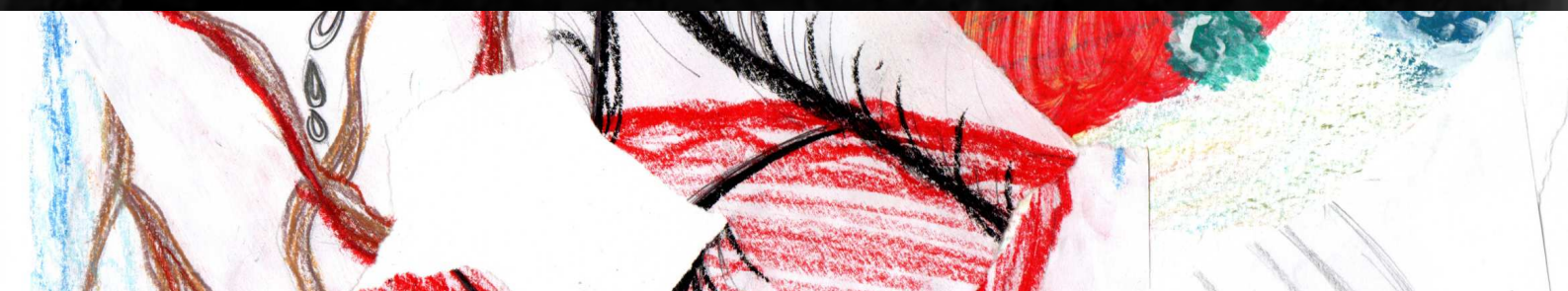
gramática da terra e as grafias do chão

recolher folhagens, restos de passagem

mosaico cromo-imagético em tessituras visuais

reticências para outras cartografias

referências



experiências com as/os estudantes: possibilidades estéticas/estésicas na aula de Arte e na escola

> [...] temos que desaparecer. Isso pode parecer estranho, mas na verdade é uma experiência comum. Para a maioria das pessoas, ela ocorre quando o olho ou o ouvido é atraído por alguma coisa: uma árvore, uma rocha, uma nuvem, uma pessoa bonita, o balbucio do bebê, o reflexo do sol nas folhas cobertas de orvalho, o som de uma guitarra que escapa inesperadamente de uma janela. Mente e sentidos ficam por um momento inteiramente presos na experiência. Nada mais existe [...] (NACHMANOVITCH, 1993, p. 57)





Acerolas se esfarelam no chão e caem como gotas de chuva, aos montes, uma por uma, ao cantar do vento. Galhos secos são elevados a árvores centenárias. Pedras que se espalham no caminhar e entram no chinelo, ao pisar no solo. Grades enferrujadas são molduras do invisível. Pequenos troncos de árvores são recolhidos como moedas encontradas no chão. A areia agora pode ser uma folha em branco. As tímidas flores são assistidas como um filme de ação. O plástico que rola pela calçada também é o palco para celebração. A terra pastosa vira cor nas mãos de quem as toca. As folhagens correm pelos canos em direções opostas e infinitas. Nada mais passa despercebido. O cotidiano transcende, apenas pelo simples **olhar**.

Cenas como essas foram capturadas por um grupo de 25 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública da região noroeste do município de Campinas, SP. As intervenções para esta pesquisa foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2023, durante as aulas duplas de Arte que aconteciam às segundas-feiras das 12h50 às 14h20. Durante este período, o objetivo foi desenvolver com os estudantes o exercício do olhar, a partir de saídas fotográficas que aconteciam na própria escola e que foram produzidas com o celular dos alunos e, muitas vezes, com a câmera fotográfica que era utilizada junto com as intervenções. Os estudantes foram organizados em cinco grupos, recebendo o nome de um dos cinco sentidos e, a cada semana, um grupo saía para fotografar pela escola. Enquanto um grupo estava na intervenção do lado externo, os demais estudantes estavam com a professora de Arte titular da sala de aula, realizando outras atividades que constavam no planejamento inicial da docente, mas que tinham relação com os exercícios que estavam sendo desenvolvidos com os alunos durante a pesquisa. Havia bastante disputa entre eles, pois todos queriam sair ao mesmo tempo, no entanto, deixamos claro que todos teriam oportunidades de fotografar e que era necessário que o grupo fosse reduzido para que as orientações e conversas fossem melhor esclarecidas entre uma intervenção e outra.

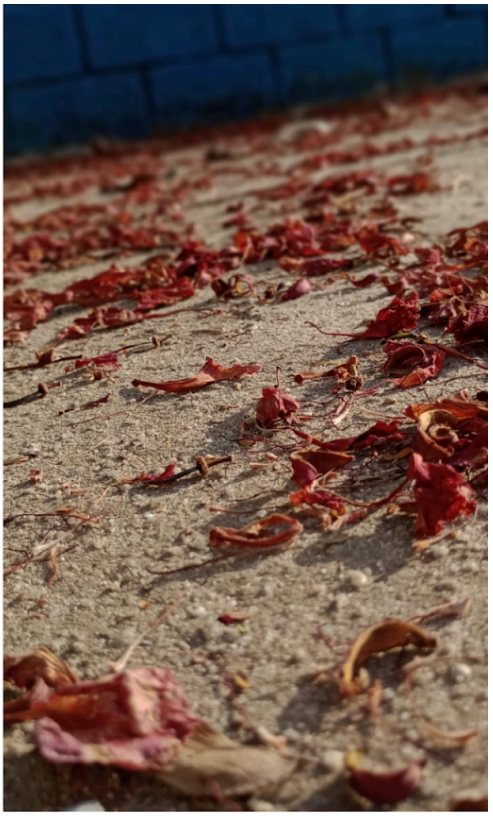
Foram realizadas cerca de dez saídas com os estudantes, na qual foram produzidas imagens fotográficas, composições por meio do recorte e da colagem e escritas sobre as imagens a partir das experiências dos sentidos. A partir do planejamento, 18 estudantes participaram de todas as intervenções junto da pesquisa, uma vez que os demais alunos estavam ausentes às segundas-feiras e, muitas vezes, não era possível retomar a mesma saída. O processo de curadoria e seleção para as imagens que integram esta dissertação foi a escolha de compartilhar as produções fotográficas de oito alunas. É importante esclarecer que, no conjunto da dissertação, não foi possível mostrar a produção de todos os estudantes participantes, uma vez que não haveria espaço suficiente para as todas as discussões e análises, dessa forma, optou-se pela escolha de oito trabalhos que construíram um percurso delicado e inspirador ao longo dos encontros, trazendo em cada imagem a construção do olhar de um modo bastante singular, a partir dos elementos constitutivos da paisagem e dos (entre)lugares habitados na escola. Também cabe ressaltar que, na composição de escrita deste texto, os nomes das estudantes foram preservados e, no seu lugar, foram utilizados nomes fictícios.

olhar

Olhar. Durante a saída com os estudantes, a primeira ideia a ser reinventada foi o *olhar*. Muitos indagavam que olhavam todos os dias as mesmas coisas e que não haveria nada de novo nisso. Era preciso que eles ampliassem o conceito de *olhar*. Um pouco mais. De que forma? Olhando. Observando a paisagem, o que está ao nosso redor. *Olhar* pela lente da câmera ou pelo nosso olho? A câmera vai registrar exatamente o que eu estou olhando? Estas perguntas, feitas por alguns estudantes, nos instigaram a revisitar outros significados sobre o *olhar*. Imediatamente nos lembramos da canção de Arnaldo Antunes e Paulo Tatit "*o seu olhar lá fora / o seu olhar no céu / o seu olhar demora / o seu olhar no meu / o seu olhar, seu olhar melhora / melhora o meu*". Como esquecer dos versos de Tom Jobim "*este seu olhar / quando encontra o meu / fala de umas coisas / que eu não posso acreditar*". Ou mesmo Manoel de Barros com "*Ele era um andarilho / Ele tinha um olhar cheio de sol / de águas / de árvores / de aves / Ao passar pela Aldeia / Ele sempre me pareceu a liberdade em trapos / O silêncio honrava a sua vida*". O que Antunes, Tatit, Jobim e Barros têm em comum? Talvez seja a ação de *olhar* alguma coisa, mas cada um, à sua maneira, *olhar* as coisas de forma diferente, com elementos, aspectos e sentimentos que fazem com que estes escritos se lancem de forma poética a quem escuta uma canção ou lê um poema. Era preciso ampliar o significado do *olhar*, pois o cotidiano da escola, no momento inicial, trazia uma série de dúvidas e questionamentos aos estudantes. "*Olhar uma formiga carregando uma folhinha? Sim, mas isso eu já conhecia*". O desafio era captar este gesto do *olhar* para o visor de um modo particular, com subjetividade e *poiésis*. Foi percebido durante as saídas fotográficas que a ideia de *olhar* foi se expandindo, com delicadeza, já que os estudantes eram mais propositivos em suas captações, mesmo que aquilo lhe parecesse óbvio demais.

> Se educa o olhar? Como? Pode-se educar o olhar dentro da escola? Extrair significados do mundo visual? Que imagens permitimos entrar na escola? O que deve ser mostrado na sala de aula? O que os alunos querem ver? Como trabalhar em aula com interesses tão conflitantes e diversificados? Com que função a imagem entra na sala de aula? O que significa a imagem para o aluno? E para o professor? Qual o significado cultural da imagem? (PILLAR, 2007, p. 71)





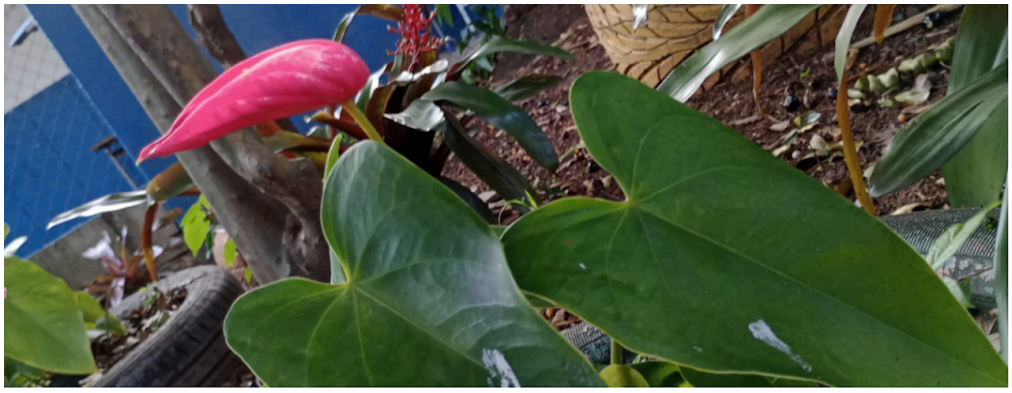


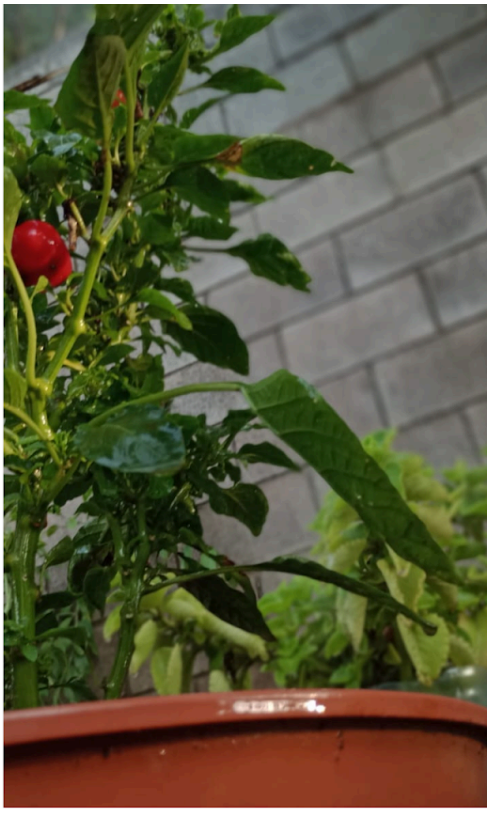




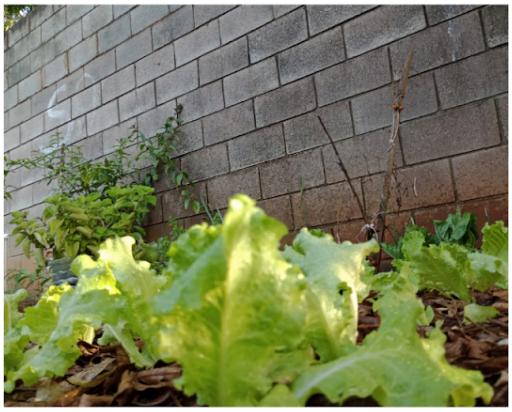
[...] Galhos, areias, flores e folhagens ao chão. Carmin revela um olhar delicado, de quem já conhecia tudo antes mesmo de estar lá. E estando, tornou a paisagem o seu exercício de habitar. Por entre as ruínas, reinventou outros modos de olhar o já conhecido, mas ainda não percebido. Que linhas de fuga moram nos escombros? Que poéticas o chão nos revelam? É possível habitar por entre (dentre) as frestas escondidas, nos canteiros de um muro qualquer? O céu se mistura com a imensidão e as rachaduras do cotidiano que não se finda [...]

[...] Carmin sabe que o seu olhar pode provocar as mais belas sensações. Mas também pode trazer a mais perfeita desordem. As coisas, já fatigadas de tanto existir da mesma forma, pedem passagem e clamam por outras frestas, por outras direções. Do alto da montanha, pode-se ouvir o ronronar dos felinos. Em direções opostas, eles percebem todas as afetações que há no mundo. Reconhecem-se em si a sua grandeza de guardiões das memórias e dos passados. Cada canto de palma mora uma saudade escondida, adormecida, pronta para adentrar os corações de esperança e fantasia. Deixa no chão as suas pegadas [...]











caminhar

Olhar. **Caminhar**. Implica que estejamos com o corpo em movimento, na busca constante de ampliar o campo expandido dos sentidos e se reconhecer na experiência com o outro, pelo outro, na sua totalidade. A ideia de *caminhar* foi reinventada pelos estudantes de diversos modos. Primeiro, fomos caminhando sem uma direção definida, apenas prestando atenção no peso do corpo, na altura do passo e nos desenhos que as solas dos sapatos marcam no solo. *Caminhar* sem se preocupar com a chegada, como exercício do pensamento, como formas de reverberar uma escuta atenta. *Caminhar* observando a respiração, o piscar de olhos, ouvindo os batimentos cardíacos. O *caminhar* deliberado como forma de habitar o mundo, de se conectar, de criar ondas no espaço, que deixa pegadas, rasuras, fissuras, que não esconde o tempo, que se faz presente, que se quer ser ausente, apenas pelo exercício de ser. Propus aos estudantes que tirassem os calçados e caminhassem de olhos fechados, mesmo que por segundos, sentindo a textura do solo, os cacos que entram pelos dedos. Quantas sensações diferentes é possível sentir no contato com os pés na natureza? Que experiências o *caminhar* marca na memória, no imaginário e na criação? Durante os deslocamentos que fizemos pela escola, muitos estudantes associaram a ideia de *caminhar* como equivalente a de andar. Propus então que eles que dessem uma volta pela escola, do portão de entrada até a chegada no refeitório, utilizando o tempo daquela aula. Ao final da proposição, algumas reflexões foram produzidas. "*Todos saíram do mesmo lugar?*" "Sim e não, porque estávamos em pontos diferentes". A partir desses comentários, algumas linhas foram se abrindo em prospecção. Andar pode ter uma direção exata, um tempo determinado, uma trajetória a ser percorrida, uma mecânica que acontece com o corpo que permite com que haja um determinado deslocamento. O *caminhar* revela consigo outras possibilidades estéticas/estésicas, traz o vivido, o sentido, a experiência de estar com o outro, a observação da conexão corporal com as outras as forças do ambiente.

> Andar. Trilhar. Percorrer. Deslocar-se. Mover-se. Inquietar-se. Parar. Olhar. Observar. Fruir. Apreciar. Contemplar. Achar estranho. Encantar-se. Surpreender-se. Conversas. Perguntas. Respostas. Dúvidas. Interação. Conexão. Escutas. Falas. Respiração. Silêncio [...] (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 7)





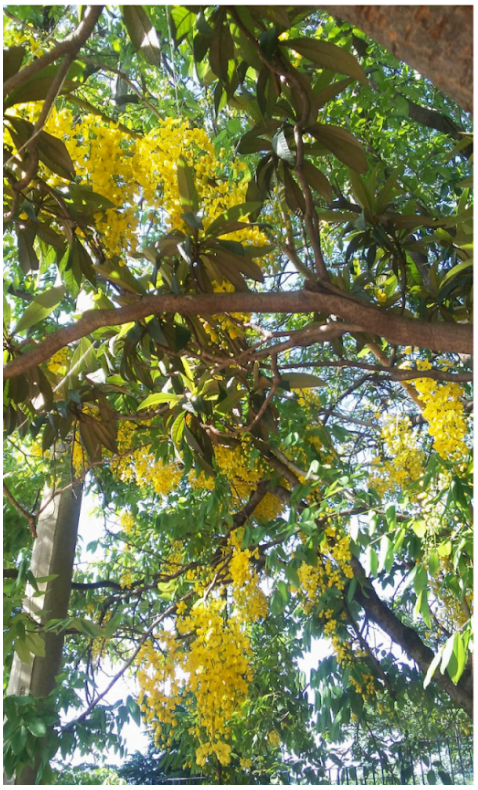


[...] o caminhar de Flora traz consigo a beleza das ruínas. As linhas marcam o chão e residem nas memórias de todos nós, porque deixamos e levamos coisas e contaminamos o outro pela força que os sentidos provocam. A simplicidade da inteireza é a sua essência, o seu âmago por excelência. Os pés que se deslocam para olhar deixa sua história, suas pegadas, rastros no tempo. O imaginário cria outras linhas, dando vazão à fluidez dos pensamentos, daquilo que é urgente e necessário. Abrir linhas, bordaduras, arremates, pontos, janelas que se fecham e se abrem, sopros para o vento velejar [...]

[...] os passos são certeiros e precisos, mas é necessário costurar, arrematar, tornar claro para o que dia em que virá. O caminho é tortuoso, cheio de espinhos, mas contém sede de tempo. No balançar dos galhos secos, caminham formigas atravessadas por folhas de todos os tamanhos e cores. Linhas caminham em direção ao olho que o espaço apaga. Memórias percorrem como o lago do oceano em chamas. Pés que fincam no solo a história de uma borboleta que, ao se pôr, renasce para então retomar o seu voar mais uma vez. Não se caminha só. Há forças que operam neste ímpeto, num impulso de redemoinho. Cada passo marca a jornada do herói como num sonho astral. Rizomas se espalham como pétalas de uma flor em espanto [...]









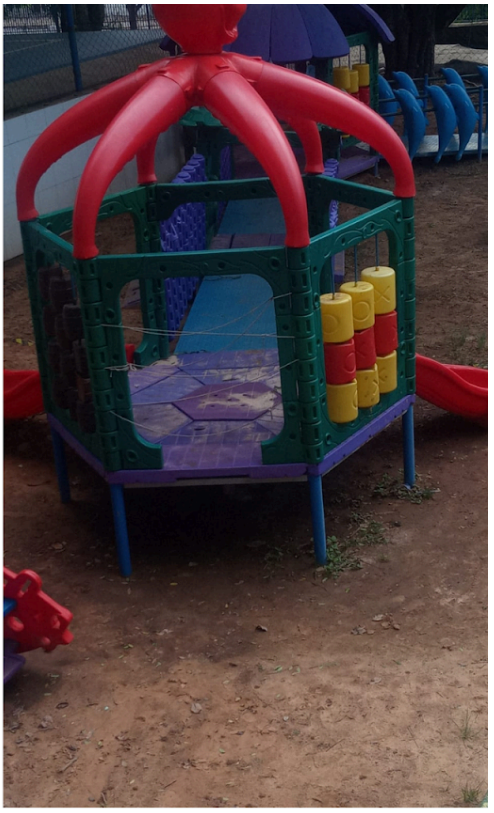


habitar

Olhar. **Caminhar**. **Habitar**. As saídas fotográficas e o processo de experimentação com a fotografia possibilitaram que os estudantes vivenciassem as mais diversas experiências com os conceitos de arte/educação que entendemos serem essenciais na aula de Arte. Mais do que tirar fotos interessantes, do ponto de vista técnico, o exercício da fotografia atua em canais de escuta e exploração do inconsciente, cujas materialidades compõem o cenário e dela derivam tantos outros. A fotografia traz em si o desprendimento do que é o ***meu***, passando para a dimensão do ***nosso***, do ***outro***, daquilo que se movimenta no coletivo. *Habitar* traz em si uma ideia de lugar aprofundado, de não se deixar levar apenas pelas aparências, o superficial, o que está em evidência, mas compreender que *habitar* algo é deixar e trazer, é multiplicar, é coletivizar, é unimultiplicidade, é dar vazão aos modos de ser e existir. A ideia de *habitar* foi alinhavada pelos estudantes a partir de uma paisagem que eles demoravam mais ou uma cena que mais chamava a atenção. Foi possível observar a pluralidade de lugares diferentes, uns ficando mais nos espaços externos, outros prestando atenção nos movimentos das pessoas ou mesmo se voltando para o próprio corpo como forma de experiência com a câmera. Nota-se que a diversidade dos assuntos nas fotografias estão relacionadas com o repertório que os estudantes carregam consigo, nas afinidades, nos gostos pessoais, nas relações que estabelecem entre as pessoas e naquilo que eles acreditam ser importante considerar. A ação de *habitar* acentua o pertencimento e a identidade dos jovens sobre os impactos de uma determinada cena ou aquilo que mais lhe impressiona. *Habitar*, a partir da relação com a produção de imagens, é muito mais do que registrar ou capturar, trata-se de deslocar diferentes formas de pensamento para a culminância de algo que é maior do que o próprio corpo, que alcança uma imensidão que não é possível contar, mas sentir, compartilhar na sua grandeza, na sua complexidade. *Habitar* uma imagem é escrever com luz um pensamento que não se traduz, mas traz um elo, uma provocação.

> A casa-ninho nunca é nova. Poderíamos dizer que ela é o lugar natural da função de habitar. Volta-se a ela, sonha-se voltar como o pássaro volta ao ninho, como a ovelha volta ao aprisco. Esse signo da volta marca infinitos devaneios, pois os regressos humanos acontecem de acordo com o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta pelo sonho contra todas as ausências. (BACHELARD, 2008, p. 111)







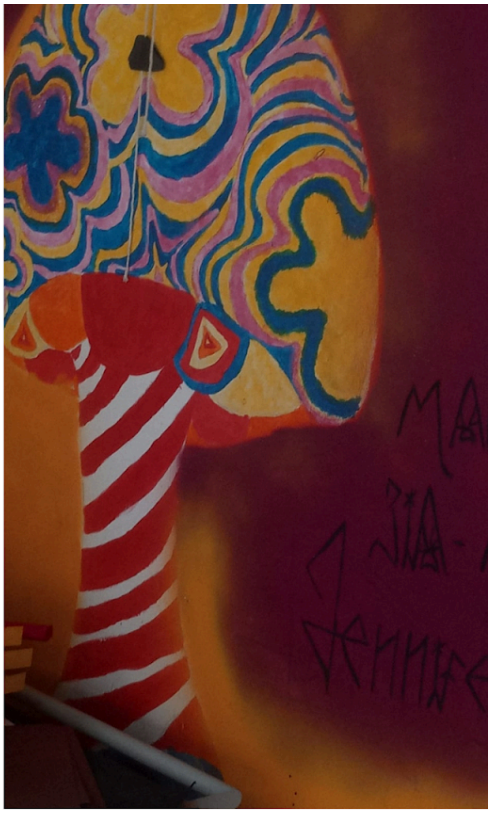




[...] o balanço de águas calmas anuncia a passagem. O habitar de Íris traz a essência do encanto. Cada lugar conta uma história da escola, de quem já passou por ela, de quem está ou quem irá chegar. Cada marca na parede enuncia a força que as pessoas trazem, no coletivo, no grupo. O acontecimento mora na força do habitar, de explorar cada canto, cada fresta, cada linha bifurcada de areia e cascalho. O solo carrega a morada e sustenta a força do mundo. O devir-habitar reside no imaginário, na criação coletiva, nas profundezas do que é simples, banal, diário, cotidiano, descartável, no risco [...]

[...] habitar nas paredes de um lugar comum. Passarinhos em bando avisam o pomar. Rochas são sedimentadas com o tempo. A areia molhada de chuva carrega os pensamentos na memória. O corpo dança sobre as ondas e traz lençóis de esperança. A pedra movediça são as raízes do concreto a pulsar. Sente-se, ao longe, o que não se sabe, o que não se vê. Mistério de um sonho acordado. Habitar as linhas banhadas de pensamento. Um chapéu para a loucura. Cores esquentam a alma com matizes e saturações. Uma pele gradiente descama por dentro, sem se cansar. O encanto é morada para os girassóis [...]











reinventar

Olhar. **Caminhar**. **Habitar**. **Reinventar**. As saídas fotográficas conectaram os estudantes a múltiplas dimensões do que eles entendiam já saber fazer, que é ***tirar fotos***. A cada conceito apresentado era possível notar o franzir de sobrancelhas, a dúvida, a inquietação, a angústia. Construir um pensamento a partir da fotografia vai além de simplesmente apertar um botão. As imagens sempre estiveram lá, mas residiam na nossa memória e no nosso imaginário como formas de se deixar fluir, perceber em expansão. Durante as saídas fotográficas, o desafio proposto aos estudantes era pensar numa ideia de narrativa visual, por meio das imagens produzidas durante as intervenções. Como uma imagem estabelece a relação com a outra? Qual é o fio condutor da leveza? As fotografias têm uma unidade comum, algum elemento que aparece mais de uma vez, mesmo que não esteja literalmente na imagem? Questões como essas vão levando os estudantes a perceber a ideia de *reinventar* a partir da linguagem fotográfica, estabelecendo relações com as coisas que vem antes e depois e dando unicidade à matéria própria da imagem. O exercício de *reinventar* foi mostrado nas intervenções à medida que os estudantes estavam mais à vontade com a pesquisadora e com as imagens que eram produzidas. Eles conseguiam falar sobre elas, deixando o **outro** apreciar, falar, expor, argumentar e perguntar algo que lhes chamassem a atenção. A ideia de *reinventar* é inspiradora para os estudantes porque mostra um desprendimento, no deslocamento do que a imagem pode suscitar no **outro**, no coletivo. As imagens produzidas e compartilhadas já não pertencem mais ao ***autor*** que as produziu, mas sim a quem produz sentidos a partir dela, ou seja, o **outro** da imagem é **co-autor**, já que participa da sua **autoria**, uma vez que, na relação com a imagem, imprime sentimentos, emoções, pensamentos que, muitas vezes, não é acessado pelo próprio **autor** da imagem, mas sim quando se está no coletivo, no grupo, nas conversas que derivam dos processos de produzir e conversar sobre as imagens.

> [...] Uso a palavra para compor meus silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informar. Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água pedra sapo. Entendo bem o sotaque das águas. Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes [...] (BARROS, 2008, p. 45)











[...] reinventar para Jade é desenhar o mundo com formas e cores como a dança do vento. Nos galhos e troncos se observam linhas de fuga, que se espalham como rizomas, no escuro/claro do que é estar diante da mais linda composição da natureza. À deriva, as linhas descascadas do tempo tomam sentidos múltiplos e correm por entre a palma da mão. As pequenas madeiras sustentam toda a nossa memória. É preciso (re)pousar a saudade e olhar mais adiante. Em que passo deixei as minhas pegadas? As ruínas do tempo é o que ainda nos resta? [...]

[...] Nas fissuras se sente o peso do mundo. A memória carrega consigo lembranças distantes. O corpo anuncia a chegada dos passarinhos. Folhagens e restos se enfileiram para ver o espetáculo. O vento distribui as entradas. É a hora esperada. O anil sob o sol dita o que irá acontecer. Gotas de orvalho a regar a relva preparada de saudade. As linhas se rompem ao anoitecer. O buraco é o esconderijo perfeito. A invenção reside fora do pensamento. Estilhaços pelo caminho enfeitam o muro de paciência. O verde florescente provoca ardência pela visão mágica de uma pequena aranha apressada. Suspiros de ventos, de (in)ventos, de (re)inventos, de calmaria [...]









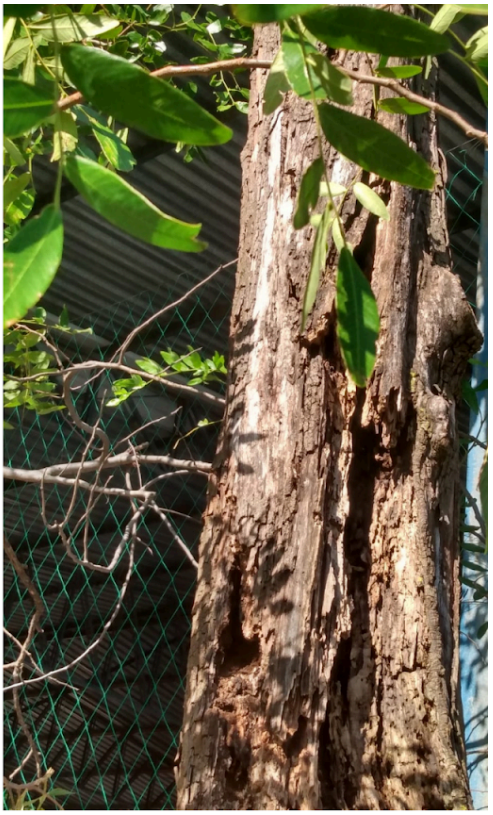


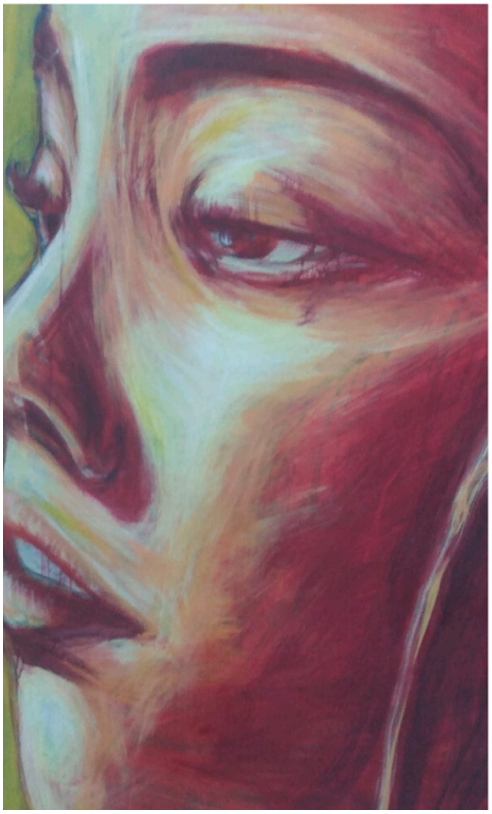
escavar

Olhar. **Caminhar**. **Habitar**. **Reinventar**. **Escavar**. Neste momento, os estudantes lidam com a matéria fotográfica como um amigo conhecido há algum tempo. É próximo, mas ainda causa algum estranhamento e desconforto. Sobre o quê? É preciso *escavar*. Pousar na imagem mais do que na própria superfície, adentrar as linhas de fuga para habitar, deitar nos pontos que se deixam embalar. Abrir cavidades, nas bifurcações, nas rachaduras, nas fissuras como um modo de aprofundar o desconhecido, descendo o poço mais fundo que há na própria imagem. O exercício de *escavar* traz consigo o auto conhecimento, de como nós lidamos com a materialidade das coisas ínfimas, banais, que se revelam tão evidentes, mas que carregam em si o peso da sua história, da sua memória por linhas emaranhadas ainda não habitadas, em cantos desconhecidos, numa esquina qualquer. *Escavar* a própria imagem como forma de se doar para o **outro**, em profusão, em ataque, em lisura, ao encontro do acontecimento, do que está por vir. A ideia de *escavar* foi disseminada entre os estudantes a partir de algumas orientações que aconteceram durante o exercício de fotografar. Escolher a paisagem e se deleitar nela. Encontrar cada cantinho escondido nas suas linhas de fuga. A cada clique, a imagem se revelava no visor do celular, mas também no imaginário e na criação. Era preciso um tempo maior. E não era o tempo relógio, mas sim o tempo ***travessia***. A paisagem estava lá à espera do que iria acontecer. O recorte de uma fresta de ilusão não era suficiente, então o clique aconteceu mais uma vez. Era comum ver fotos com o mesmo assunto ou repetidas no mesmo ângulo. O que para os alunos era uma simples repetição, nas conversas e nas orientações, se transmutou para uma escavação minuciosa e ao mesmo tempo leve na sua complexidade. A cada imagem observada no visor era um *escavar* diferente na sua fluidez. Lastros e restos de imagem compunham cada vez mais o ato de *escavar*. Conhecer, perguntar, questionar e discutir o que a imagem traz no seu argumento e ampliar, com o **outro**, as suas possibilidades estéticas e estéticas.

> [...] A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo do viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a intenção consciente [...] (DEWEY, 2010, p. 109)







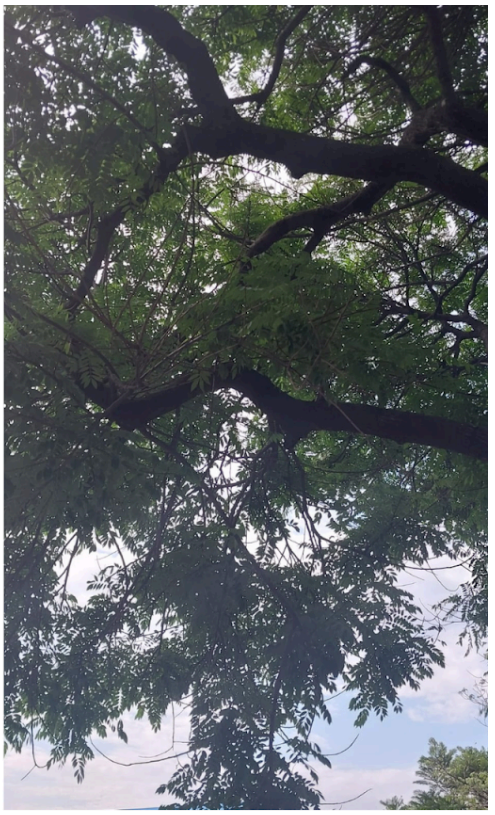




[...] As linhas se abrem como janelas e correm para o mar. Descer as suas profundezas é encontrar o pote de ouro. Navegar pelos pontos da imagem é fincar a bandeira no escuro. Sensações com gosto de céu azul. O escavar de Lilás tensiona para as linhas de fuga e aproxima para o novo, descolando o mundo de tudo o que mais exista. Um olhar baixo situa a esperança. Entre galhos, folhas, flores e restos de fios, o objeto de faz presente e pulsante. Os sonhos descem o mais profundo oceano e acena para o horizonte que se põem. O sol gira as suas saias e balança para o vento espiral [...]

[...] um inseto desfila no chão seco e úmido, marca com suas pegadas, deixa os seus rastros. A folhagem macia anuncia o clarear do dia. Pequenos ruídos contam a história de quem já habitou este lugar. Uma pluma leve passa lentamente pela retina e descansa, lânguida, incrédula. Um pneu velho é retirado de um terreno qualquer. Dele renasce a esperança de cacheado, anunciando o pleno verão ousado. Estica e puxa sem cessar, só esperando o que vai acontecer. Um tronco destila suas madeixas na superfície macia e doce. O chão é a morada que fixa a sua estada, na busca e continuamente [...]











costurar

Olhar. **Caminhar**. **Habitar**. **Reinventar**. **Escavar**. **Costurar**. A ideia de *costurar* está atrelada ao tempo, na captura, no registro, no exato momento em que a imagem é formada. Os pequenos pontos invisíveis da imagem costuram as linhas que atribuímos sentido, ora porque acreditamos que isso pode ser verdade, ora porque a própria criação constitui o seu elemento de significado. De qualquer forma, a costura absorve aquilo que está aos nossos olhos, borrando as fronteiras do que entendemos ser o real. Para os estudantes, a ideia de *costurar* foi desenvolvida a partir de uma conversa com os alunos na sala de aula, na qual foram discutidos diferentes significados sobre o ato de *costurar*. Grande parte das indagações foi no sentido de trazer à tona as memórias das avós costureiras ou de como o bordado evoca lembranças de algum tempo atrás. A partir dessa construção de uma memória coletiva, deslocamos a ideia de *costurar*, a partir de um ofício que utiliza linhas e agulhas, basicamente, para a ideia de *costurar* como um exercício do ato criador de quem constrói a imagem e entrega para o mundo. *Costurar* como uma forma de olhar para a imagem encontrando as linhas de fuga que habitam a imagem e despertam sentimentos, ações, provocações. Abrir uma linha, como quem abre um novelo e esticar até onde as pontas dos dedos alcançar. Roçar uma mão na outra encontrando as entrelinhas da própria linha, como nos bordados de ponto cruz, na qual uma linha grossa é composta de outras linhas bem finas, quase invisíveis, como uma dança das agulhas sob o sol. No buraquinho, estende de luz os orvalhos da relva. A costura é um modo de olhar para as coisas da vida e fazer constelações, emaranhados de linhas em deslocamento, em transe, em ruptura. Para os estudantes, a ideia de costura foi se alinhavando à medida que eles conversavam sobre as imagens a partir de uma questão geradora da própria pesquisa ou de uma pergunta feita por algum estudante sobre algo que lhe chamou a atenção. Deslocar a ideia de *costurar*, a partir do ofício de se fazer uma costura e ampliar para a ação de *costurar* para a promoção de uma escuta afetiva.

> [...] Costurar é como estar parada assistindo o rio correr. Associada ao fluxo, sempre em frente, veia única. Sem sair do lugar o tempo escorre. Imagem do rio e da pedra: a água corre atropelando a pedra estacada [...] A costura é o rio que vai, sou a pedra que fica. Rio é verbo, pedra é sujeito. A linha costurada petrifica o verbo num estado presente que, ao correr, se congela na margem de um eu. Coisa sucumbida pela própria ação. Não deixa se ser maneira de passar o tempo [...] (DERDYK, 2011, p. 20)







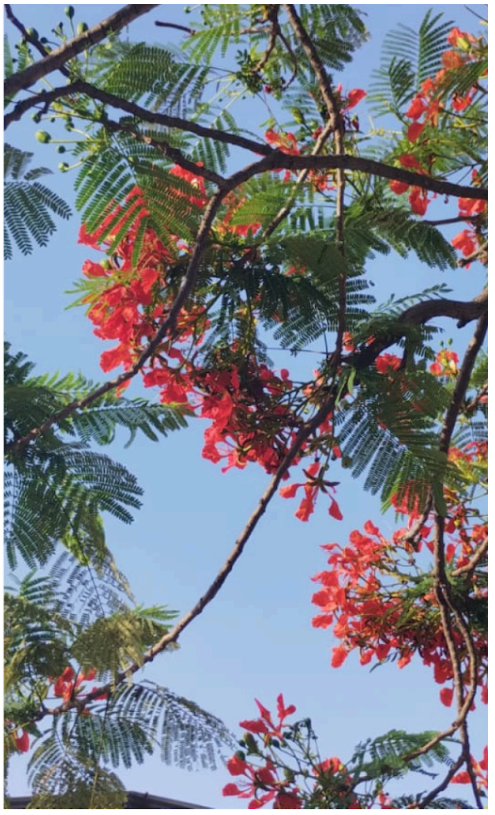




[...] Malva costura o devir com areia fina e delicada. Na imensidão, só se escuta o coaxar do sapo e o canto dos passarinhos. Abelhas transitam em rastros de fio doce que escorrem por entre os dedos. No bordado dos movimentos da câmera, a imagem ganha imensidão e amplifica a sua morada. Estende-se uma linha no horizonte onde o corpo se deleita em alcance. Uma nuvem passageira anuncia o que está por vir. Na tardezinha que se põem, restos de passagem correm pelos vales, buscando repousar e costurar no alinhavo da vida [...]

[...] desacostumar o que já se sabe para fissurar a experiência do outro. Nos acordes da tessitura da vida, a sinfonia veleja como o mar em ritmo frenético, onde as multidões balançam com o caminhar fino e teimoso. O arremate não é o final, mas sim o começo de uma grande espiral não-circular, mas rizomática, invertida, total. A sombra descansa na madeira fria e descascada. O mato invade os quintais e adentram as frestas dos vidros embaçados. A metamorfose de um caminhar costurado pelas bordas de tons pastel, terrosos, de cor choque, fortes como o noturno [...]











grafar

Olhar. **Caminhar**. **Habitar**. **Reinventar**. **Escavar**. **Costurar**. **Grafar**. Entre tropeços e incertezas, o caminhar é certo e tem uma direção fluída, não-linear, mas tracejada, orientada, que nos leva a algum lugar. Por onde começar a *grafar* um mundo de possibilidades estéticas/estésicas sobre as imagens produzidas? *Grafar* é o mesmo que **escrever**? Que materialidades podemos utilizar para *grafar* com as imagens? Giz, pedaços de tijolo, carvão, linhas coloridas, fios de náilon, fitas de cetim e tantos outros que existem ao nosso redor. *Grafar* imagens é o mesmo que *grafar* palavras? Entre tantas possibilidades acerca da ideia de *grafar*, compartilhamos a experiência dos estudantes de **escrever** sobre as imagens produzidas a partir de alguma palavra geradora ou de algum objeto disparador. Em uma das conversas com os alunos, foi proposto o exercício de **escrever** sobre o que as imagens provocavam e que lugar elas ocupavam na história de cada um. Após várias palavras escritas compartilhadas e outras inventadas, escolhemos algumas para *grafar* na imagem, desprendendo o sentido estrito da palavra como verbo e esticando o seu significado para algo mais amplo, que tem a ver com a tessitura do texto, o tecido que reveste a palavra, o que está nas entrelinhas e que só é percebido quando a imagem toca o (entre)lugar do corpo e da arte. *Grafar* como uma extensão da memória e do pensamento do que a imagem pode suscitar em cada um de nós, que convive, que inspira e que (res)pira o argumento. *Grafar* para **escrever** os segredos das palavras ao pé do ouvido, borrando as fronteiras, por terras movediças. **Escrever** para produzir escrituras, bordaduras, tessituras, tecidos de palavras, (re) composições de sílabas, juntar tudo para (re) *grafar* e fluir em expansão, dando vazão a tudo o que corre para o mar. O exercício de *grafar*, a partir das imagens, começa no ato de **escrever**, como prática simbólica de uma comunicação elementar, mas transita por outros territórios por meio da polifonia das imagens, nos sons que tocam e ecoam no **outro**, produzindo outras imagens verbo-visu-áudio-grafia, na combinação, no amálgama, no limite e no alargamento.

> [...] Um fotógrafo-artista me disse outra vez. Veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica. Que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós [...] (BARROS, 2008, p. 95)

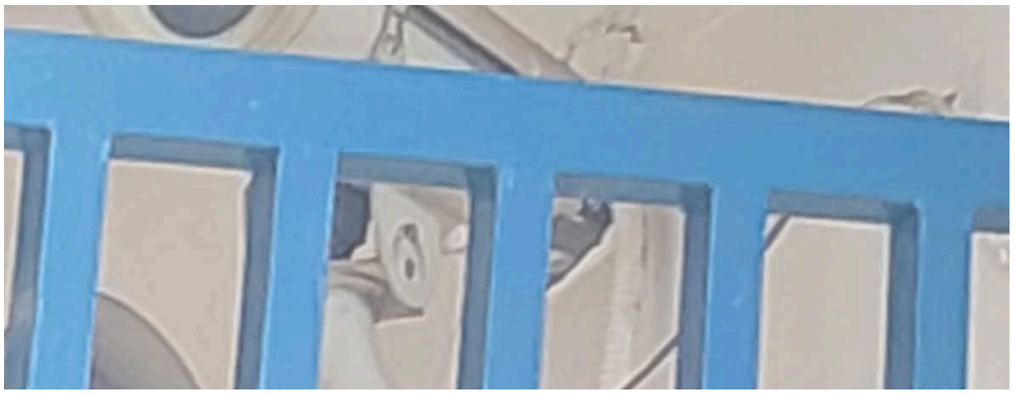






[...] as grafias de Rosa molham as palavras saborosas e degustamos a sua doçura, num profundo deleite. No campo expandido, mordemos as sílabas até não restar mais nada, mastigamos com engenhosidade, mascamos até ouvir o último estalo. Escritas que atravessam os tempos e nos conectam com outras esferas. As linhas que nos revestem de encantos e nos convidam a dançar. Grafar para conhecer o que não se sabe, à deriva, à espera, embaladas pelos sons mais longínquos no horizonte. (Foto)grafar em processo, em imensidão [...]

[...] busco as escritas nos escombros, nos baús, no sótão, nos armários velhos e antigos de uma casa abandonada. Recolho das gavetas papéis de pão amassados de tinta Bic, guardanapos engordurados de tempo e memória, bilhetes de viagem da qual eu nunca fiz. Revistas de manequim anunciam o perigo. Abro caixas empoeiradas de saudade, marcando com as digitais linhas não percebidas no horizonte. Escrevo o mundo com tintura de carmin e não apago, rasuro. Numa rede à beira-mar, a onda senta para o descanso matinal e o sol se desenha para o encontro do litoral. Na grande costa, uma margem fina compõem de traço borrado marcando uma fronteira estreita de felicidade, o rio que corre raso é abertura e fechamento, é lida [...]







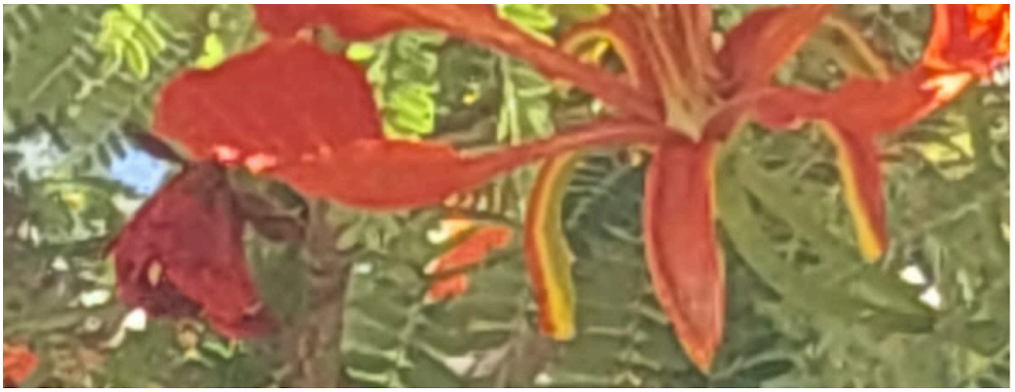




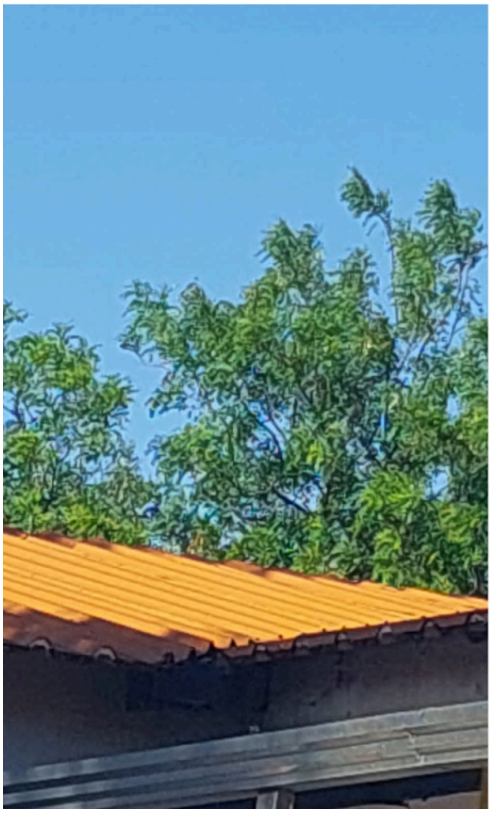
arriscar

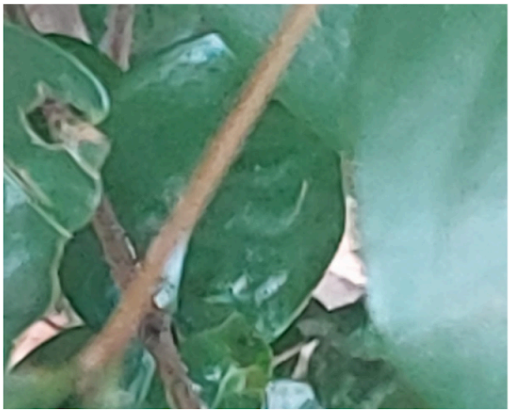
Olhar. **Caminhar**. **Habitar**. **Reinventar**. **Escavar**. **Costurar**. **Grafar**. **Arriscar**. O ato fotográfico exige de quem está diante dele o **risco**. Para todas as ocasiões em que a cena se forma, o apertador de botão coloca sua vida em jogo. Um apertador que escolhe o ângulo, que se mostra corporalmente, que deita, que rola e sonha com o dia em que fará a fotografia de sua vida. O **risco** pede passagem, ele é solitário, por vezes, porque exige entrega e disposição. Se o apertador de botão não se desdobrar para encontrar outras possibilidades, sim, ele continuará a exercer este ofício. Se, por outro lado, o apertador de botão *arriscar* em deixar que a imagem apenas leve ele a alguma direção, sem saber exatamente onde é, ele deixará de usar o seu dedo indicador, já cansado e exausto da mesma função, para ser o escritor de ruínas, uma espécie de fotógrafo-performer. O ato mecânico diante da câmera não traduz a realidade de todas as possibilidades de uma imagem, porque apertar botões podem ser preparados, treinados, mostrados, programados de uma forma ou de outra. É possível, inclusive, produzir imagens sem apertar um único botão. É o exercício do **risco**, da entrega, do comprometimento de que tal atividade precisa de um tempo e de um espaço determinado, no entanto, para além disso, a fotografia precisa criar vínculos, repertório de mundo, admiração para que a matéria e o argumento da imagem possam fazer sentido em algum lugar do mundo. Assim, o desafio proposto aos estudantes foi pensar o exercício de *arriscar* na fotografia como um processo que começa na escola, na aula de Arte, nas orientações que são realizadas no coletivo, mas que precisam ser exercitadas continuamente, para criar hábitos, para educar o olhar para as coisas ínfimas, mas que trazem em si o valor e o peso de sua história, criando memórias coletivas e imaginadas. Uma das ideias disseminadas entre os alunos foi pensar no ato de *arriscar* como um desafio diário a se fazer para si mesmo, um instante por dia, uma memória congelada, um suspiro de saudade. *Arriscar* como um ar que risca, literalmente, que fura, que vaza, que transcorre e incide, que perfura a criação.

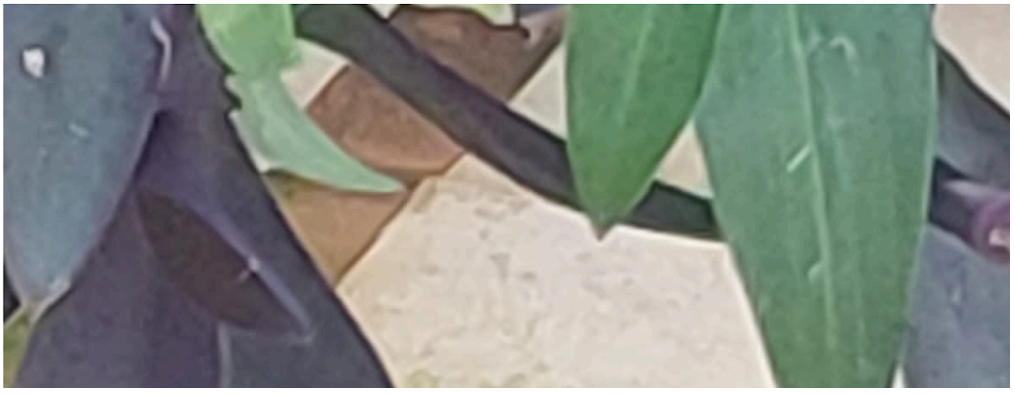
> Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica que, por sua vez, atam a obra daquele criador, como um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade do artista; estamos, portanto, no campo da unicidade de cada indivíduo. São gostos e crenças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular e único. (SALLES, 2011, p. 44)











[...] Violeta arrisca e risca o mundo com o seu olhar, com o seu caminhar, com seu velejar por entre, dentre as plantas, os verdes, os coqueiros, os orvalhos e os restos de ruínas que sobram da passagem. Imagens desbotadas do tempo tremem por alguns instantes e borram o já esperado. As cores transparecem ao fundo, sobrando restos e vertigem. O risco que insiste em nos colocar numa direção, o ar que risca esse caminho e segue outra seta. É preciso coragem e desprendimento para se libertar das amarras, do já posto, do esperado até encontrar a sobrevida. Riscar o ar é o cardume fora da água [...]

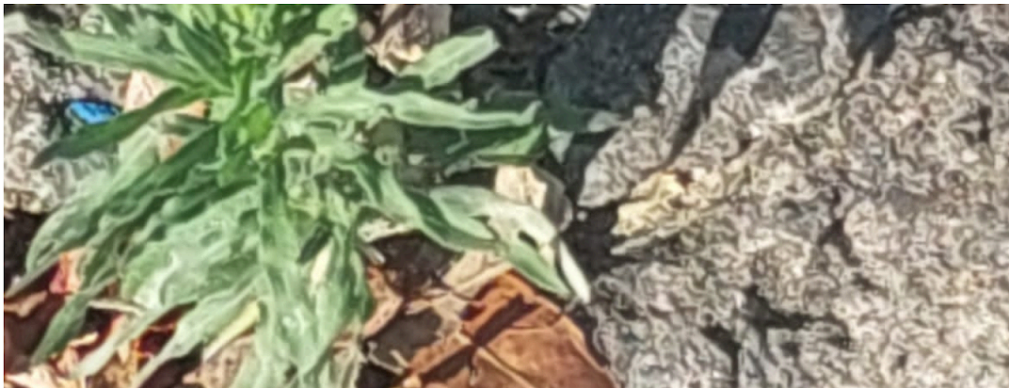
[...] A travessia de uma noite calma. Tartarugas anunciam a velocidade das coisas. No trânsito lento e preciso, o tempo recupera as pequenas coisas: um pequeno passarinho e o seu cantar, o gargarejo de uma laringe pedindo abrigo, o movimento dos pássaros em direção ao ninho, o balançar das árvores e uma manga que despenca marcando no solo o seu doce. Já se sente o aroma de cachoeira com a água fina e cristalina. Pétalas do girassol se firmam ao redor das flores. No tronco forte e poroso, é o caminho certo para o trabalho dos insetos. O banho de mar limpa a pele com gotas de cristal em sinfonia [...]











contaminar

Olhar. **Caminhar**. **Habitar**. **Reinventar**. **Escavar**. **Costurar**. **Grafar**. **Arriscar**. **Contaminar**. Em um dos vídeos utilizados para a escrita deste texto, Ana Mae Barbosa, certa vez, disse que a Arte não se ensina, mas se contamina com ela. Aquilo ficou reverberando durante muito tempo com os estudantes durante a pesquisa. Como *contaminar* o exercício de fotografar como um hábito, uma produção diária de sentidos e silêncios, metáfora do conhecer? Espalhar sorrisos, construir significados, disseminar, jogar ao vento toda a alegria guardada. *Contaminar* é uma das formas de contar o minar, minar como referência a uma **mina**, uma escavação que guarda tesouros escondidos e empoeirados. A **mina** como um poço artesiano de águas claras e doces, cristalina como mel, que ao cair no rosto, se balança com os cabelos longos de vento soprado. A **mina** para escavar o que não se sabe e reconhecer que as profundezas que moram lá podem ser intangível, inalcançável, exceto se temos um objetivo claro para romper essas barreiras e dar o passo certeiro. A **mina** guarda minérios e mistérios importantes que são essenciais para a vida humana, ao passo que o fotógrafo acessa essa **mina** e conta sobre ela para as pessoas, conta a **mina**, minar como um processo de escavar os próprios sonhos, de se aventurar. Contar sobre a **mina** exige do fotógrafo coragem e determinação, pois não é fácil acessar os nossos medos e nos colocar diante do **outro** nossas fragilidades e tensões. É preciso agarrar o pote da sede de viver e ir em busca dos ecos em vazão. *Contaminar* para expandir, para compor, fluir, fruir, dar forma e desforma como pontes em suspensão. Para os estudantes, o que ficou do exercício de fotografar pela escola foi os imensos ruídos que ecoavam durante todo o processo e o quanto foi desafiador se libertarem das molduras que eles utilizavam para enquadrar as coisas. As cenas cotidianas que apenas compunham as tardes da escola, aos poucos, foram tomando proporções importantes de entendimento sobre as complexidades de um cotidiano comum.

> Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei. Eu conto: Madrugada a minha aldeia estava morta. Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas. Eu estava saindo de uma festa. Eram quase quatro da manhã. Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado. Preparei minha máquina. O silêncio era um carregador? Estava carregando o bêbado. Fotografei esse carregador. Tive outras visões naquela madrugada. Preparei minha máquina de novo [...] (BARROS, 2021, p. 15)







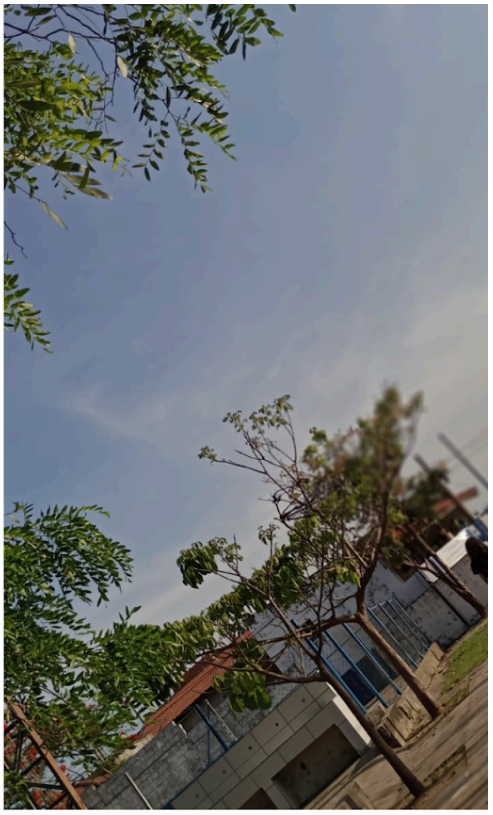




[...] Ana nos contagia com sua energia e tranquilidade aparente. Os vestígios de terracota foram deixados por todo o solo, a contar nossos olhares de beleza e lisura. O buraco da minhoca é a próxima expedição. A morada das formigas traz rastros de saudade. As folhas se partiram em múltiplos fragmentos de vida. A água corre e escolhe onde quer chegar. Pisar no chão não é fácil, exige coragem, temperança, moderação, porque o chão sustenta toda a memória coletiva, perdida e imaginada nas esquinas, nos escombros [...]

[...] Uma ave pousa no esquecimento. Ela voa até encontrar a sua morada. A árvore reveste os seus galhos com o brilho de safira. Um corpo se torce e se contorce para encontrar o (entre)lugar. O chão se mistura com a densidade de passos de tartaruga. A alegria contagia até quem não está lá. Nas grades enferrujadas do desconhecido, o ciano se desloca do mar e atinge as profundezas do tempo e da memória. Pegadas de saudades se arrastam para o plano do imaginário e da criação. Entre solados e tapetes, a ternura se cobre com uma manta fina de formosura e as vagas lembranças são sonhos de algodão [...]



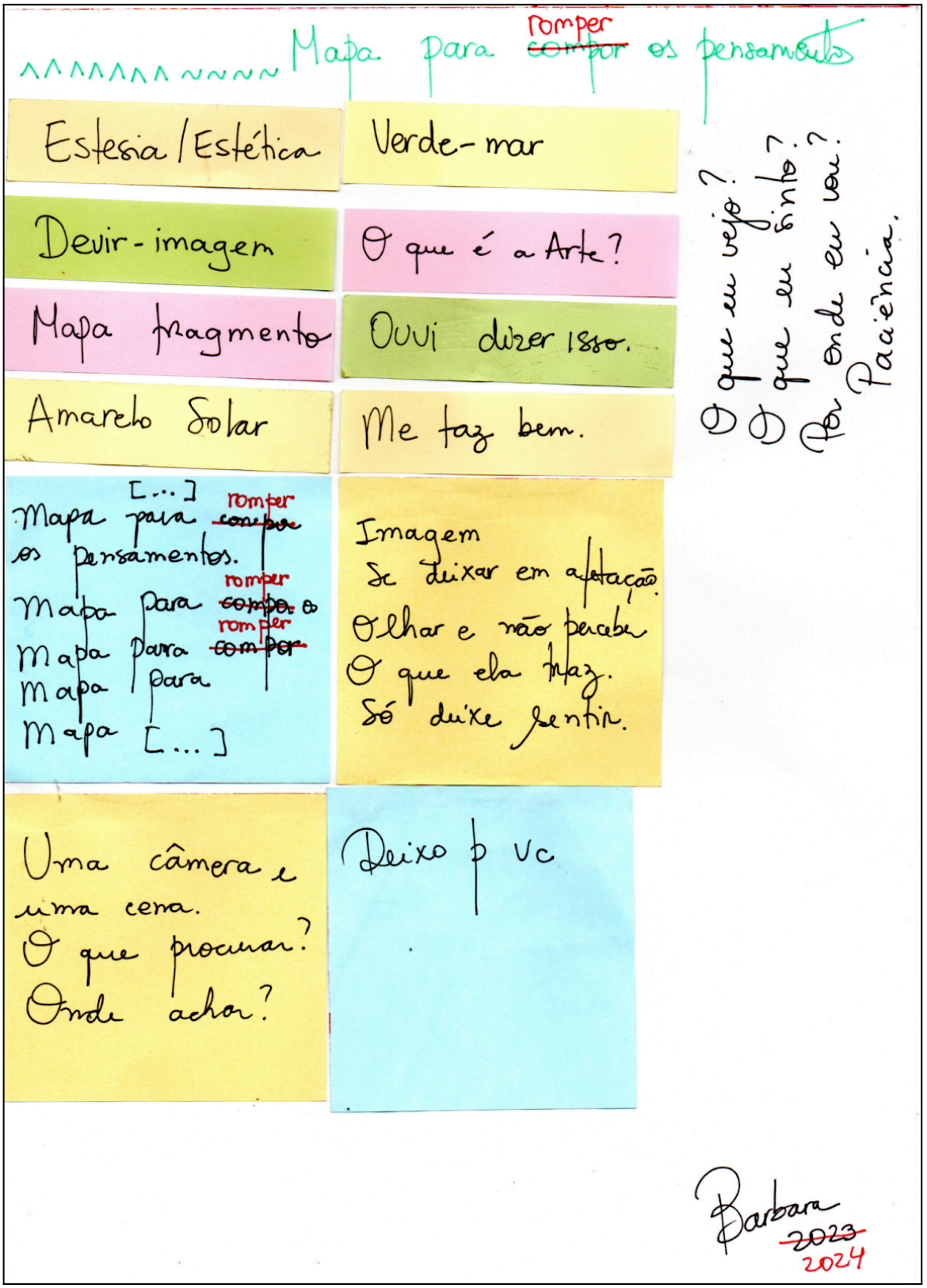








mapa para romper os pensamentos

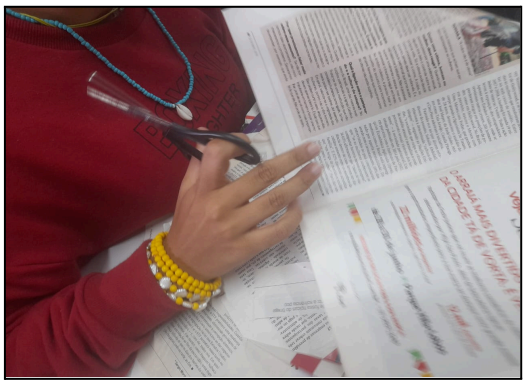


Mapa elaborado pela autora a partir das conversas dos estudantes durante as saídas fotográficas.

experimentações entre recorte e colagem

Em um dos encontros do mês de outubro, foi proposto aos estudantes uma oficina de recorte e colagem na sala de aula, a partir das imagens encontradas em revistas que remetesse aos cinco sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão) e que nomeavam os grupos de trabalho. Os recortes foram produzidos a partir de imagens de objetos, alimentos, figuras humanas e textos escritos com a finalidade de produzirem uma composição em grupo tendo como disparador um dos cinco sentidos. Durante a atividade, foi possível observar o processo de recorte das imagens e a divisão do trabalho em grupo. Um dos estudantes se comprometeu a organizar os trabalhos em cada um dos grupos, para que ninguém ficasse ocioso e que esta etapa pudesse ser concluída por todos, já que haviam apenas duas aulas para a produção destes recortes, limpeza e organização da sala.

> [...] Os processos criativos são processos construtivos globais. Envolvem a personalidade toda, o modo de a pessoa diferenciar-se dentro de si, de ordenar e relacionar-se em si e de relacionar-se com os outros. Criar é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e é transmiti-los. Ao criar, procuramos atingir uma realidade mais profunda do conhecimento das coisas [...] (OSTROWER, 2013, p. 142-143)

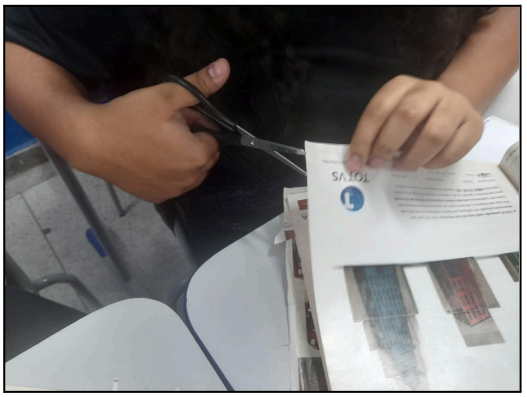
















Enquanto os estudantes se concentravam na atividade de recortes, caminhamos pela sala de aula para observar a organização do espaço e de como os grupos se organizavam entre si. Cabe destacar como foi o processo de formação dos grupos, pois os estudantes não queriam abrir mão deste ou daquele colega, mesmo a professora incentivando que eles escolhessem com quem trabalhar. Na organização entre eles, se notava grupos só de meninas ou só de meninos. Conversando com a professora, foi importante considerar que estes grupos precisavam ficar o mais heterogêneo possível para a própria proposta da atividade. Na sala de aula, a organização entre os estudantes, especialmente dos anos finais do ensino fundamental, se torna desafiadora porque, já neste momento, os alunos são mais resistentes a serem orientados e quando precisam produzir com o outro estudante que não tem afinidade, a intervenção do professor precisa ser assertiva, no sentido de conversar com os alunos e entender o motivo de não querer produzir com este ou aquele estudante. Escutar os alunos, encontrar estratégias e permitir a autonomia e a autorregulação entre eles são mecanismos fundamentais para o trabalho pedagógico em sala de aula e para a confiança mútua entre pares.

compor entre planos sinestésicos

A partir da organização dos grupos, foram produzidas composições utilizando o processo de recorte e colagem que serão compartilhadas a seguir. Cada grupo tinha como objetivo propor uma colagem, na qual o sentido que nomeava o seu grupo pudesse ser mostrado. Alguns grupos preferiam compor com todos os sentidos e não somente o do seu grupo, a partir da mistura dos recortes produzidos e a utilização de outros de grupos diferentes, a fim de compor novas imagens recortadas e desenhadas. Após este processo, os trabalhos foram expostos ao centro da sala de aula, na qual os alunos estavam dispostos em semicírculo para conversar com a pesquisadora e a professora da sala sobre o que foi produzido e os desafios propostos na atividade. Neste momento, é fundamental que os estudantes compreendam que conversar sobre as obras produzidas não é tecer julgamentos sobre as características dos trabalhos ou outra menção que esteja implícita, embora haja, no interior das discussões, falas direcionadas a este fim. É importante criar o espaço do debate como exercício de escuta atenta e diária.

> Mediar é, portanto, propiciar espaços de recriação da obra. Para isso, é preciso acreditar no ser humano, ter confiança de que a semente poderá render frutos. Implica em acreditar no aprendiz e, por isso, dar crédito à sua voz, desejos e produção, e em encontrar brechas de acesso para a percepção criadora e a imaginação especulante, para ampliar e instigar infinitas combinações, como num caleidoscópio [...] (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 18)















A partir dos trabalhos produzidos em grupo, alguns estudantes contribuíram com falas sobre o seu próprio processo de criação, quer seja mostrada na disposição das imagens ou na sobreposição das colagens, que não se preocupa

com uma forma determinada, mas que destaca o quanto o trabalho de inversão e suspensão com as imagens pode ser uma aposta interessante. Durante a roda de conversa, proposta a partir dos trabalhos produzidos, foi possível observar algumas características interessantes percebidas nesta turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Os estudantes, quando são perguntados sobre o processo de trabalho em grupo, falam pouco ou somente quando indagados diretamente. Percebe-se, num primeiro momento, que há um certo desconforto e estranheza sobre o processo de falar, como se estivessem sendo avaliados unilateralmente. Na maioria das vezes, os comentários são positivos, elogiosos, mas com poucos apontamentos direcionados ao próprio trabalho em si. Após a roda de conversa, foi proposto a autoavaliação, primeiro de forma escrita, na qual foi entregue pela professora e, num segundo momento, de forma coletiva, na qual cada estudante se avaliou no processo de trabalho em grupo. A autoavaliação, a partir de um processo de trabalho coletivo e colaborativo, pode ser uma caminho possível para a proposta de uma escuta afetiva e efetiva na aula de Arte, pois no momento em que se produz, também se avalia os processos que foram percorridos até o momento e, ao sistematizar este exercício seja por escrito ou oralmente, constitui um dos fazeres da aula de Arte como um espaço de escuta coletiva, na qual os estudantes não só produzem para uma determinada finalidade, mas realizam textos verbais escritos e oralizados, que depois podem compor o processo de avaliação da turma, seja no portfólio, caderno ou outra forma de registro que se encontra acessível. No primeiro momento, pode acontecer uma espécie de estranhamento, quando os estudantes são colocados para falar sobre as próprias produções, com emissão de opiniões e a partir do que o outro também produziu. Isso acontece, também, porque a conversa sobre os fazeres na aula de Arte precisa ser experienciada sempre que possível, até que este exercício seja um hábito entre eles e, dessa forma e aos poucos, os alunos vão criando o exercício da escuta e da conversa como formas de apreciar o vivido.

> [...] A continuidade nos leva ainda a observar que nunca se sabe com precisão onde o processo se inicia e finda. É sempre vã a tentativa de determinar a origem de uma obra e seu ponto final. Sob a perspectiva das inferências, redes de interações, observamos uma diversidade de conexões [...] Pode-se falar que o artista mostra publicamente a sua obra em instantes em que o “ponto final” é suportável. Temos assim uma definição mais aprofundada do movimento de criação, que nos leva a falar de sua continuidade sem demarcações de origens e fins absolutos [...] (SALLES, 2006, p. 59)



andanças de uma arte educadora em travessia

experiências com as/os estudantes: possibilidades estéticas/estésicas na aula de Arte e na escola

fotografar o sobre: metáforas docentes em recortes de criação

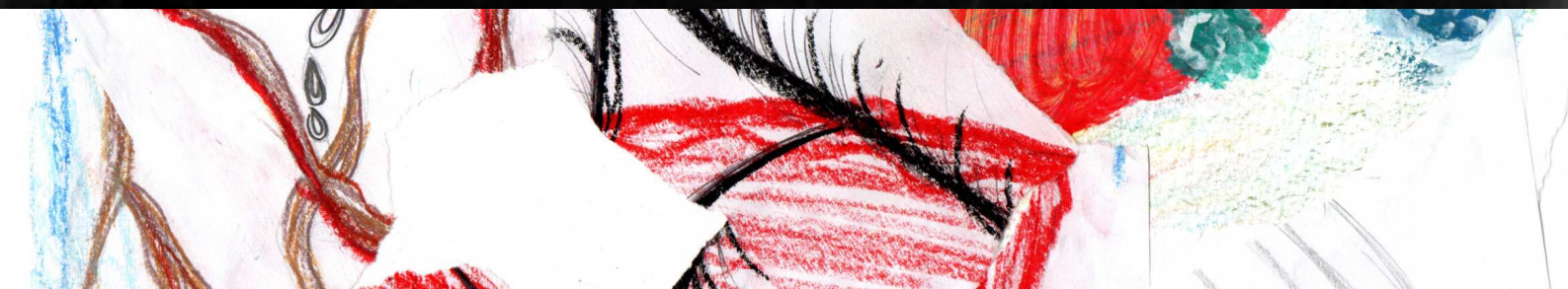
gramática da terra e as grafias do chão

recolher folhagens, restos de passagem

mosaico cromo-imagético em tessituras visuais

reticências para outras cartografias

referências



fotografar o sobre:
metáforas docentes em recortes de criação



Este texto se compõe como uma tessitura de criação foto-texto visual, de cunho estético/estésico metodológico, permeadas por múltiplas andanças a partir da perspectiva de uma professora e arte-educadora recém ingressada à função gestora. A escolha do percurso textual acontece por meio de metáforas docentes, na qual as memórias vão sendo tecidas por recortes de criação em transição. Neste sentido, a Arte é o fio condutor dos pontos tecidos que vão sendo alinhavados pelas lembranças e escolhas da arte-educadora que, agora, vê suas histórias docentes no emaranhado de se perceber também enquanto membro de um lugar ainda não-habitado, mas tecido pela linha da persistência e das escolhas profissionais. Portanto, ao transitar por figuras poético-visuais, também se diz de um processo de gestão que se movimenta pelo próprio chão da escola, matéria e argumento que são produzidas e compartilhadas no coletivo e nas vozes plurais dos acontecimentos.

Linhas de evocação nos convidam a observar o sobre, tal como o poeta Manoel de Barros (1916-2014) nos ensinou e nos ensina na poesia que evoca a alma, do mais profundo sentimento do mundo, abarcado nos pequenos mínimos gestos de sobrevivência. O texto que, ao ser tecido, se torna tessitura, alinhava-se pela poética da bordadura em expansão, em trânsito de sentidos confusos, não-coesos de precisão. Fotografar o sobre é muito mais complexo do que vivê-lo, afinal, é preciso nos colocar na microcâmera do nosso mais íntimo ser, no campo expandido da ação, como um olho fotográfico que nos observa de longe, sem se preocupar com o quê, mas sim se deixar flutuar à deriva. À espera, se colocam fluxos cotidianos na lida de ser/estar/professorar enquanto atividade do ser que pensa em (trans)gredir, (trans)formar, (trans)mutar o que é aparente, sem dar pistas, apenas estar em deslocamento, com o outro, pelo outro, na sua totalidade. Assim, nesta prosa poética estésica/estética do movimento, do cotidiano de uma arte-educadora, se colocam metáforas docentes que transitam pelas novas narrativas do corpo que agora gesta; gesta porque o gesto é mínimo, mas é grandioso, em absorção como um olho subjetivo; gesta porque ao gestar, professora-se, aprende mais do que se ensina, se projeta na linha ínfima do tempo. Gestar, como conceber, na *poiesis* do viver, é olhar para dentro de nós como a vida que se espera do lado de fora. Estar e viver é transcriar como uma arte-educadora aprendiz que experimenta o macro/micro da escola por meio de documentos, resoluções, normativas, que pedem o seu espaço e se colocam diante da transcriação de professorar para gestar o que não se sabe. A alegoria de quem gesta agora é transformada pela macrovisão, observada na sutileza de quem não conhece o caminho, pelos modos de se reconhecer como alguém que não professa mais com a poética das cores em movimento, mas que se fortalece na transição entre o corpo que aprendia a ensinar e o corpo que narra em outras perspectivas, simplesmente por ocupar um lugar ainda não (re)conhecido, não garimpado, mas certo da sua importância e legitimidade.

> [...] Preparei minha máquina de novo. Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado. Fotografei o perfume. Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra. Fotografei a existência dela. Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo. Fotografei o perdão. Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa. Fotografei o sobre. Foi difícil fotografar o sobre [...] (BARROS, 2021, p. 15)

professorar-se para gestar: poéticas em atravessamentos

Os encontros da docência são permeados por aquilo que um dia esperávamos enquanto estudantes e a ambivalência ou a (des)continuidade dos sonhos ainda não realizados, mas planejados, passíveis na sua concretude. Saberes e sabores que se deslocam para a imagem-ação do argumento **vida**. Não é possível revivê-la várias vezes o mesmo momento, o que podemos é escrever um outro momento, numa outra oratória que dialogue com a esfera espiralada nos minutos e segundos que se regula, não pelo tempo cronológico, mas pelo tempo Kairós[1], alimentado nos batimentos cardíacos, no pulso e na alma. O tempo travessia pede passagem, na busca de conhecer o que está em trânsito, no deslocamento, nas ruínas, fissuras, nas mínimas coisas que ainda se vale o respirar. Atravessar por meio do que está confuso, (des)necessário, (des)articulado, para então, alcançar o silêncio do sobre e, dele, perceber tudo aquilo que um dia foi vida, em abundância, como uma criança que experimenta o mundo com os olhos do coração. A dialética do professorar nos desafia a reconhecer, primeiro, que ocupamos um espaço por onde passamos; este espaço pode ser produtivo se fizermos com que alguém saia do seu lugar e, então, se transmute para outras direções; segundo, porque ao ocupar espaços, não deixamos que as lacunas nos invadam por razões desconhecidas, assim como o intérprete, que, ao pisar no palco, sabe que qualquer espaço pode significar tudo ou nada para o espetáculo que está sendo encenado. Ocupar espaços nos implica a transitar por aquilo que se projeta na lida da vida diária, produzindo conexões com campos inimagináveis, (des)conexos, procurando aquilo que não se sabe. Afinal, o que é professorar senão produzir discursos não-conhecidos, mas palpáveis de serem aprendidos? Conhecimento como a matéria que nutre por um pensamento estético, conflitante, concomitante em sua complexidade e vívido, porque nele se projeta o não-vivido. Professorar-se para conhecer o que se sabe sem saber que aquilo era mesmo daquele jeito, sem ter a exatidão de que o conhecimento já vivia entre nós, antes mesmo de nos projetar para a vida terrena. Professorar é descobrir que, afinal, somos mentes pensantes de ideias mediadas por conflitos, tensionadas, provocadas

[1] Termo grego que significa tempo determinado, oportuno, momento certo, que se opõe ao termo *cronos*, relativo a contagem, cronologia, em duração exata. Livre interpretação da autora.

e, mais do que tudo, empurradas por alguém que nos permite apenas **ser**, sem nos preocupar com o que se espera, pois o corpo já é complexo o bastante. O atravessamento se dá, portanto, na medida em que nos reconhecemos como parte de um mundo em transição, afinal não somos mais aquilo que um dia imaginávamos ser, numa linha de tempo/espaço que nos constitui para a professora que agora gesta, para gestar o que um dia foi ensinado, foi pensado na expectativa de deixar de ser um, para ser dois, três, expandir-se em multiplicidade, em vazão, no modo panorâmico de se deixar afetar por acontecimentos, nos invadindo em profusão, em alcance, em lisura. Gestar para encontrar o que, afinal, nos levou a acreditar que um dia pudéssemos adentrar pelas lentes da paisagem escolar, na busca de uma representação que não era exatamente o que História insistia em elucidar, mas o que a memória e o imaginário coletivo insistiam em tocar, no profundo saber da experiência, em corpos transeuntes, nos momentos de vida que, genuinamente, se fazem por dizeres, experimentos e máquinas. O saber que, no seu ofício, se caracteriza pelo simples fato de ser o que o mundo expira, respira, comunica, resta. Saber ser, para tornar-se, pela consciência de quem gesta, de quem manifesta o que é de todos, comum, ordinário, o que é suscetível, repetido, mas também pela observação, na escuta atenta e diária, de um professorar que não procura modelos, apenas se é, se está, em coletividade.

> [...] As palavras são casinhas como sótão e porão. O sentido comum reside no rés-do-chão. Subir a escada na casa da palavra é, de degrau em degrau, abstrair. Descer ao porão é sonhar, é perder-se nos distantes corredores de uma etimologia incerta, é procurar nas palavras tesouros inencontráveis. Subir e descer nas próprias palavras é a vida do poeta. Subir muito alto, descer muito baixo é permitido ao poeta que une o terrestre ao aéreo [...] (BACHELARD, 2008, p. 155)





gestar-se em corpos coletivos: confluências de um novo respirar

Como nos tornamos professores? Como nos constituímos como parte de um olhar alargado, cheio de bifurcações, incertezas, choros guardados e alguns revelados? Como todos podem ser unidade, nas suas subjetividades e especificidades do que o cotidiano da escola provoca, revela, traz à tona? Assim, as metáforas docentes em trans(criação) partem de escolhas teórico-metodológicas sobre o lugar de fala de alguém que agora compõe a gestão escolar, mas que, na pele do corpo ainda se reveste do saber/fazer docente em transição, por meio da matéria essencial do que a fotografia, o cinema, os bordados e as linguagens híbridas podem contribuir. Operar com tudo isso e mais um pouco diz de uma gestão em processo, na qual o todos um dia coube no ser/estar unitário, pois a não-docência também se forma em microrganismos cósmicos em processo. Mas o todo é plural, sem necessariamente os braços estarem estendidos por completo, mas repleto daquilo que é essencial do fazer pedagógico, coletivo, em espiral. Prestar atenção nas sensações, nas escutas, nas tentativas e nos erros partem de uma concepção de educação que nos alimenta, arraigados por tudo aquilo que um dia nos formou ou nos encantou, seja na universidade ou mesmo nos caminhos dedilhados que procuram os entre-lugares.

Os corpos coletivos que compõem a gestão são permeados por histórias, memórias, processos de (des)continuidade ou (des)aceleração, porque são vidas, tempos e locais que diferem num pensamento cartográfico complexo que, agora, em curso, constrói-se na diferença, na coletividade, no que é essencial em cada gesto que respeita, que acolhe, que aceita e que aprende na diversidade e nas diferentes imagens que trazemos no imaginário. Compor uma gestão é como uma respiração em ritmos frenéticos, que, nas pausas em duração e nos silêncios, se fortalece para estar pronto para o outro, mesmo sem estar. Na musculatura de cada gesto, reside, então, a presença que está ao nosso lado e que precisa e necessita de uma escuta afetiva, efetiva, mobilizadora das relações que uma gestão estética, estésica do pensamento pode proporcionar. Perceber-se como membro de uma gestão, sem esquecer de que o saber docente atravessa a todo momento e dele não libertamos facilmente. Manoel de Barros, genialmente, um dia proferiu que *mas se é possível fotografar o sobre*, devemos acreditar, ao menos, no processo. O

exercício de registrar sem a câmera torna-se mais complexo e decisivo do que apertar o botão e olhar pelo retângulo da emoção. Como a gestão pode aprender com Barros a fotografar o sobre? O sobre reside naquilo que é fundamental no fazer cotidiano da escola, mas se existe uma fórmula de escape, seguimos o que o poeta um dia pensou ser, no mais absoluto sentido da vida; arriscar-se e ser a resistência na qual o significado do ser/estar na escola pode ser a existência de corpos que se constituem em unidade para o todos, que, em coletividade, pode atravessar para aquilo que já não basta, que rompe, que provoca rachaduras, exatamente porque precisa extravazar, liquidar, jorrar. Metáforas para aquilo que está fora da meta, da língua; arte(s) como a essência do significado, do (re)pouso, do (re)tornar para tornar-se como parte de todos. Professorar para gestar uma escola plural, significativa, visceral, profunda, incerta. A gestão escolar reside em cada membro que pensa em compar(trilhar) algo que não se sabe ao outro, e que, ao saber, se torna parte para então, nos horizontes dos acontecimentos, ser chão, ser morada, por afetações, encantos, desejos em fluxos, e, então, compor o todos em conexão, na qual as teias da existência podem ser tecidas, vestidas e multiplicadas em telas de pensamentos em rede, o qual podemos ver mais de uma vez, voltar, pausar e ressignificar, porque agora o todos compõem o **eu** em movimento e o **eu** já não é unitário, mas é coletivo, imaginado, metafórico, estético; é escola em criação.

> [...] Quem desenha sabe o que esperar do traço: que ele cumpra o seu papel e se desempenhe no ritmo da imagem. Por mais que configure, o desenho retorna sempre ao seu estado inicial, isto é, ao traço. As linhas deveriam tocar o papel sem perturbar o seu silêncio branco e permanecer o tempo suficiente para marcar o gesto que torna possível a imagem. Só assim, tempo, imagem e superfície podem ser recíprocos ao mesmo tempo transparentes [...] (CALDAS, 2007, p. 31)







andanças de uma arte educadora em travessia

experiências com as/os estudantes: possibilidades estéticas/estésicas na aula de Arte e na escola

fotografar o sobre: metáforas docentes em recortes de criação

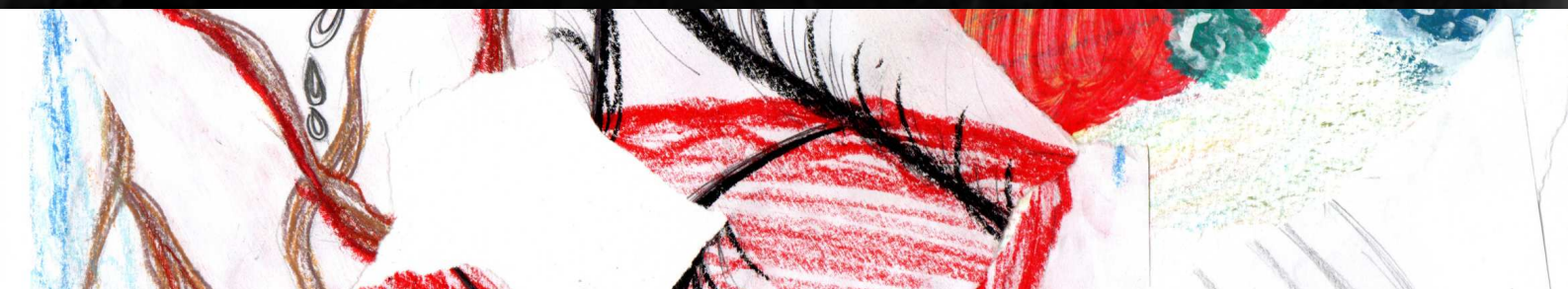
gramática da terra e as grafias do chão

recolher folhagens, restos de passagem

mosaico cromo-imagético em tessituras visuais

reticências para outras cartografias

referências



gramática da terra e as grafias do chão

Compartilhamos, nesse momento, uma experiência poética estética/estésica da arte-educadora e pesquisadora denominada *campografias visuais*, por meio da fotografia, considerando os aspectos que são importantes e inerentes à própria linguagem fotográfica em questão. Visa apresentar uma proposta que pode ser realizada no âmbito da aula de Arte, considerando a caminhada como método de pesquisa e construção. Apresenta-se, portanto, o conceito de *campografias visuais*, a partir de um ensaio fotográfico pensado para a aula de Arte, mas compreendendo que a imagem também se faz necessária no movimento do currículo em ação. Assim, a ideia de *campografia* é uma junção entre os termos *campo* que designa as questões relacionadas a terra e o termo *grafia*, que significa escrita, assim, *campografia* se refere à escritas relacionadas a educação do campo, mas que quando associada a ideia de **visual**, remete a compreensão de uma narrativa ou de uma história contada por meio das imagens, que podem ser fotografias, ilustrações, fragmentos ou qualquer texto imagético que se configure com característica de imagem. As *campografias visuais*, nesta perspectiva, é uma possibilidade de entendimento da educação do campo por meio de fotografias que revelam características e subjetividades de um determinado local e que podem ser apresentados ao leitor/espectador por meio de um ensaio, na qual o fio condutor são os elementos paisagísticos que dão autenticidade ao que é relativo ao campo. É importante salientar que o termo *campografias visuais* é uma livre criação da própria pesquisadora a partir dos vocábulos *campo* e *grafia*, que perpassam pelas escritas sobre as referências do campo. Apresenta-se, então, um conjunto de 28 fotografias que foram realizadas em uma tarde do mês de novembro de 2022, na região do bairro dos Pires, próximo a Escola Municipal “Martim Lutero” em Limeira (SP) pela própria pesquisadora. Por meio da caminhada como método para arte/educação, procurou-se fotografar os espaços do campo, a partir da observação e das paisagens encontradas no local. As fotografias foram organizadas em cinco ensaios intitulados, respectivamente, **chão**, **linhas**, **esconderijo**, **elevado** e **lampejos**. Tais nomeações tem o objetivo que promover possibilidades

artístico-pedagógicas na qual os alunos possam criar narrativas visuais por meio da fotografia, a partir dos objetos que são encontrados numa caminhada coletiva, por exemplo, à procura de temas específicos tendo um disparador, ou seja, uma ideia geradora que vai culminar em algo planejado ou não pensado pelo docente e os estudantes. Trata-se, então, de oferecer caminhos para quem deseje utilizar a fotografia nas diferentes disciplinas e, dessa forma, adequar o objeto de acordo com os objetivos e as metas que foram pensadas para uma determinada finalidade, de acordo com a faixa etária e o ano de escolaridade. Portanto, ao propor a ideia de uma caminhada a partir das *campografias visuais*, além do próprio movimento de fotografar, pretende-se que os estudantes tomem o campo como uma extensão do próprio corpo, na qual há visualidades que são próprias e singulares deste ambiente e que, muitas vezes, não aparecem no meio urbano ou no local em que eles vivem. O exercício de praticar *campografias visuais* vai ao encontro de reconhecer os diferentes campos que habitam em nós.

[...] chão

Chão. Pode ser proposto aos estudantes a partir de uma caminhada pelo bairro ou na própria escola. O professor pode organizar os alunos em grupos, distribuir uma câmera fotográfica ou utilizar o próprio celular, na qual o objetivo seja procurar paisagens que estão sobre o *chão*. *Observamos as coisas à nossa volta*? *Onde pisam os nossos pés*? A partir de algumas questões relacionadas ao tema *chão*, o professor pode propor que os alunos caminhem pelo espaço interno ou externo da escola, registrando o que encontram. Em sala de aula, as imagens podem ser compartilhadas e mostradas numa apresentação, na qual cada grupo poderá contar sobre o que viu no *chão* e quais as memórias que cada imagem evoca, seja no imaginário ou de alguma lembrança. Este exercício é bastante interessante, pois o professor pode incluir outros elementos para pensar as fotografias, como letras de música, trechos de poemas/poesias, fragmentos de textos ou frases de memória, por exemplo. Palavras e imagens evocam diferentes *chãos*. É preciso apostar nesta ideia e observar o que emerge de tudo isso. A partir da filosofia da diferença, é possível pensar em algumas maneiras de olhar para este *chão*. Os modos de agenciamento na escola são advindas dos diferentes campos

de experiência, que residem, no plano de imanência, por meio dos movimentos do plano molecular coletivo, na qual os estudantes compreendem as proposituras poéticas do professor como desafios de mapear, bordar, fissurar e romper outras tessituras do processo de cartografar o cotidiano por meio da fotografia e da produção de imagens. A aposta se faz entre o jogo imagético do cotidiano e a imensidão de imagens que são capturadas nos diferentes processos de criação, a partir do ato fotográfico que permeia os bordados, as colagens, os recortes e que são maneiras de articulação entre o fazer artístico e as potências de criação, que (des)velam as subjetividades e as singularidades que compõem a cartografia da diferença. Aposta-se, desse modo, que o pensamento cartográfico contribui para os campos da epistemologia e das teorias da educação à medida que elas compõem aberturas no extracampo, com o objetivo da escola ser o espaço da criação, por excelência. Uma criação que não busca representação, mas quer ser autêntica e transformar a realidade de quem está e permanece nela. A fotografia se configura, assim, como territórios da Arte, com a possibilidade de acessar aos rizomas e produzir narrativas inventivas. São modos de articulação das possibilidades de se pensar o tempo da criação, que não corresponde, necessariamente, a uma certa cronologia acerca dos modos de ser e estar, mas entende que o tempo pode ser travessia enquanto formas de se deixar afetar.

[...] Numa tarde de novembro, planejo a minha rota. Mas só havia uma questão que me preocupava: a chuva começava a cair fina e dava sinais que ia se intensificar. Uma colega foi acionada para esta empreitada. Ao chegar no local, as gotas já tinham caído há muito tempo, mas o céu conservava algumas poucas lascas de azul. Câmera nas mãos, é hora do ataque. Percorro longas e tensas subidas e, já com a panturrilha queimada por dentro, sento na beira do morro e a cena acontece: uma casinha é avisada ao fundo banhada por postes com linhas emaranhadas de histórias enferrujadas. Os pés descem o manto verde para ver com maestria e o botão é acionado, uma, duas, três e quantas vezes mais [...]









[...] o chão não é um lugar comum, um lugar qualquer. Ele sustenta toda a força de uma história que corre o seu curso no rio profundo. Onde os pés tocam, há memórias sendo guardadas, veladas, outras contadas. O que encontramos no chão não são resquícios ou restos da natureza, são preciosidades da vida e operam como fontes para renascer o dia em multiplicidade. Os punhados verdes banhados de orvalho são constelações que a raiz traz consigo na sua essência e invade a camada terrena. O chão é morada, é abrigo, é repouso para a escrita de outras invenções. Os (des)caminhos do chão permeiam toda a nossa memória imaginada, coletiva, cuidada. Repouso o corpo e sinto pontinhas de grama cortar a pele revestida [...]









[...] recolho do chão tudo o que não tem serventia: terra molhada que geralmente vem com formigas irritadas, papéis amassados, tampinhas coloridas, pequenos troncos, folhagens, moedas, folhas picotadas e tudo o que o vento mais quiser trazer. Preparo a câmera para escrever com luz essas insignificâncias. Há coisas que não precisam ficar no chão, estas podem ser destinadas a outros locais, como o lixo, por exemplo. As folhagens e os troncos, estes devem retornar para a sua morada e ser espetáculo para outros que ali chegarem. O chão é o guardião das nossas memórias, dos nossos desejos. Pisar no solo é riscar o próprio corpo de esperança e poesia, é escrever com areia uma receita de bolo, é sentir as pedrinhas que dançam por entre os dedos, pelas texturas [...]

[...] linhas

> Linha substantiva, frágil, torta e fina. Sintonia pronta para se quebrar e se dobrar e torcer e verter sobre si mesma, tal qual um verso que decide quando movimenta um lugar. A prosa vai em linha reta, bate na margem e retrocede. E mesmo assim, caminha em vaivémvaivém sem fim. E mesmo assim, quando algo existe, existe porque resiste, insiste, não desiste. Exige um quase, um vão, por um triz. (DERDYK, 2011, p. 83)

Chão. **Linhas.** Os processos de criação na formação de professores, especialmente de Pedagogia, passam por entender como as inúmeras linguagens artísticas se entrelaçam aos saberes acadêmicos e científicos. Não se trata de uma se sobrepor a outra, trata-se, portanto, de fomentar espaços de criação para cuidar do **outro**, neste nosso ofício, da aprendizagem do **outro**. Neste sentido, o bordado é uma possibilidade de pensar que trajetórias docentes e produção de saberes dialogam como o pensamento de uma arte-educação que se coloca em afeto com o **outro**, que se desdobra em multiplicidade, que **é**, simplesmente. O corpo é o lápis que se movimenta pelo espaço. O *chão* é a folha em branco. **Corpo-chão** em trânsitos. **Lápis-folha** em deslocamento, imersão em descobrir o que pode uma linha. A partir dos estudos dos elementos da linguagem visual que estão no currículo do Ensino de Arte, propõe-se a pensar a linha fora dela mesma, a folha fora do espaço habitual. Linha física que reside no objeto concreto, mas pode existir na memória, no espaço e tempo construídos pela ação coletiva de corpos em êxtase, na emoção de descobrir o que pode estar por vir. *Como é a linha do sol*? *E a linha da árvore, do chão*? A partir dos signos que funcionam como disparadores, procura-se as linhas da natureza, por meio do alongamento da linha, da fricção do riscador pelo espaço, da sensação de peso do corpo sobre o solo. A possibilidade de pensar a arte-educação viva na escola, na qual o Ensino de Arte precisa ser significativo e presente no cotidiano dos estudantes, é um desafio diário. Pensar a linha na sua materialidade, na forma, na composição e nos movimentos é uma forma de olhar para as diferentes visualidades do espaço e compor em *poiésis* autênticas e singulares. Estudantes operando com o corpo, a temperatura do solo sentida na materialidade do giz, o traço longo que o braço necessita, os pés que se apoiam nas pontas para alcançar o gesto. Linhas vivas na imensidão. A escrita-experiência nos coloca em comunhão com a natureza, com a arte viva, com as possibilidades de existir e (re)existir.

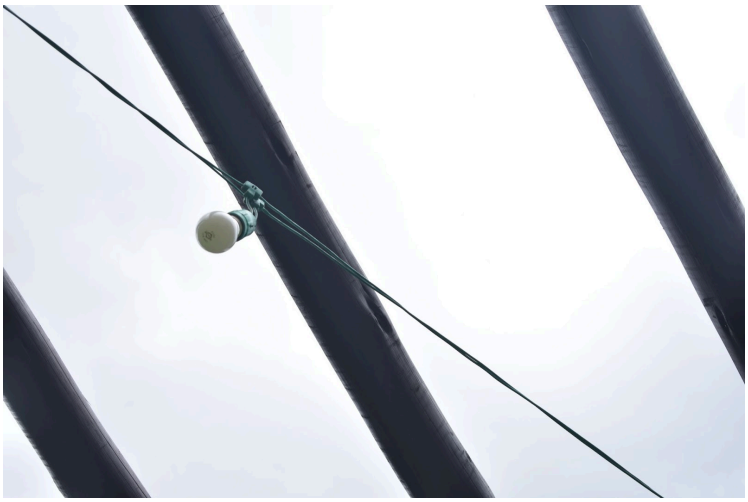
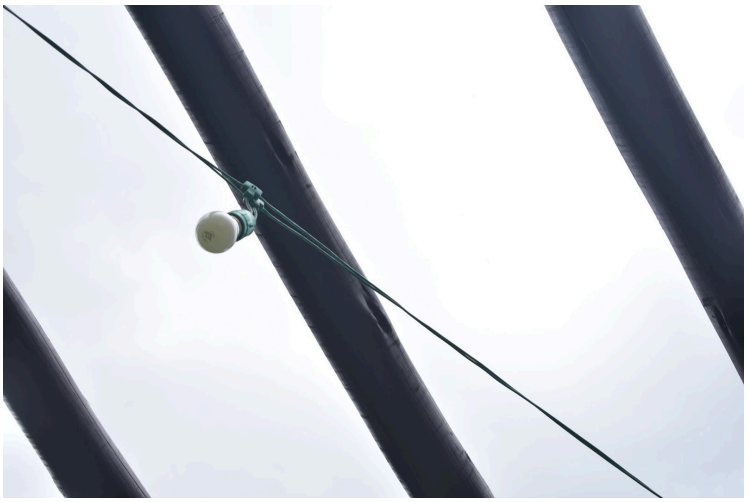








[...] Procuro linhas no espaço como quem procura um brinco de ouro que acabou de perder. Linhas físicas, concretas, de verdade, que podemos tocar, cuja materialidade podem se desdobrar em mil versões, linhas pequenas, linhas curvas, linhas molares, linhas moleculares. Olhar para o céu é imaginar a dança das linhas na solidão fina e cristalina. Uma linha que se alastra pelos mundos e fundos de uma grandiosa imensidão. Linhas que nos acompanham por toda a nossa trajetória, que fixam a sua morada pelos morros e montanhas de uma cidade qualquer. Escreve a sua história, se movimenta pelas suas pontas, requer cuidado e maestria. Linhas compõem de memória a nossa subjetividade e a imaginação criadora. Linhas que revestem de luz momentos únicos, de labor [...]



[...] câmeras escrevem de silêncios as ruínas do cotidiano. As linhas são projetadas nos campos com fios de cobre no ritmo do tempo. O mar(ritmo) deságua de esperança os corações ávidos de inquietude. É tempo de rosas. Linhas em prospecção avisam o que virá a seguir. Acompanho todos os seus passos e neles vou. Embarco nas suas ruínas, nas fissuras, nas estranhezas de perceber o que o corpo tem a nos dizer. Linhas que se misturam nos emaranhados de olhar o que não enxergamos. Imagens que se repetem na imaginação, na memória e que se congelam na retina. Fios amarrados pela linha descascada de lutar. Nas pinturas antigas e rochosas, é possível observar a sobrevivência das linhas que resistem ao tempo, a sua história e que carregam em si lastros de memórias esquecidas na ampulheta [...]

[...] esconderijo

Chão. **Linhas**. **Esconderijo.** Pergunto-me porque aposto na câmera como possibilidade de criação na escola. Por que apostar em imagens como potências para criação nas artes visuais? Por que agenciar o cinema como uma extensão do fazer/ser/estar no mundo? A casa pode ser um espaço de criação? Quais são os entrelugares do corpo na casa que habita em nós? Quais são os signos e os símbolos que estão na casa e nos seus entornos? A casa como extensão do corpo, dos afetos, das memórias, da proteção. Como construir territórios na casa interna que habita nossos pensamentos, sentimentos e emoções? Experimentar com a câmera pela casa é o movimento de **catar** as imagens que estão escondidas em fragmentos, cantos, frestas, quinas. O que pode uma câmera andarilha? O olho da câmera, o olho do observador. O *olho-imagem*, criação em devir. Fissurar, romper, escapar, esticar, possibilidades de um *retângulo-andarilho*. Há brechas e passagens que só a fotografia consegue alcançar. Procurando o ataque, os estudantes encontram a dobra que está ao lado, não no objeto propriamente, mas na ideia, escapa pelos dedos, se movimenta na imensidão, percorre territórios. Pensar o fora do vídeo implica em observar com atenção os elementos que estão ao redor e que compõem a cena gravada. Habitar o fora é romper o *espaço-tempo* no visor da câmera e ajustar o olho do observador ao *espaço-tempo* do fora; fora devir-criação; fora espaço-tempo; fora habitar-com. Construir aberturas e possibilidades a partir da produção imagética e audiovisual dos estudantes, movimentando os fios da atenção, da evocação, da memória, dos afetos, das aberturas, das passagens. A partir de Bachelard (2008), pensamos a casa como lugar de criação, potência das audiovisualidades. Transportamos o corpo-escola para o corpo-casa e nele habitamos. Tentamos construir territórios, pontes, formas de fissurar, romper, vazar, escapar, a **poiésis** das imagens e suas inúmeras formas de se deixar vir à tona, que residem no imaginário, na memória coletiva, nas formas de ser e estar no mundo. Os estudantes produzem afetos e se afetam pelas imagens, ora congeladas no visor da câmera, ora presentes na memória. Eles fissuram o cotidiano e produzem multiplicidades, devaneios, desejos, ao desenhar o seu percurso autoral, complexo e, ao mesmo tempo, simples do cotidiano, das coisas que se passam, das bifurcações, travessias de como a de habitar.









[...] que mistérios habitam uma pequena casa, à beira do campo de um morro qualquer? Que ventos ventam os vestígios e deixam rastros de segredos? Numa caminhada de novembro, uma casa é avistada. Passos aceleram em direção a ela. Uma casa, uma figura conhecida, guardam muitos encontros. Ao seu lado, um templo religioso lhe faz companhia. O verde banha de amores tudo o que nela quisermos. Ao pisar em terras profundas, descobre-se que há muitas coisas a serem desvendadas. Nas paredes, lastros de escritas contam memórias imaginárias, outras inventadas. O vento sopra para o sul e traz consigo a essência da elegância. Um casebre por terminar. Ao adentrar este local, trazemos e levamos um pouco para onde for. Deixamos nossas pegadas, grudadas em post-its [...]

[...] elevado

Chão. **Linhas**. **Esconderijo**. **Elevado.** Manoel de Barros (1916-2014) nos convoca a olhar o espaço, mas que espaço é este que olhamos? Rastros, fissuras, pegadas, sutilezas, marcas, labirinto. O que está nos entrelugares do corpo e da Arte e que nos constitui para compreendermos as coisas com mais clareza e coesão? O chamado de Barros nos aponta para um caminho que não tem volta, enxergar para olhar, olhar para ver, ver para transformar e transformar para criar. Como a escola opera com as imagens ou como os estudantes podem construir outras imagens, que passam pelo alcance da visão, mas que também moram em lugares escondidos, como nos sonhos, no imaginário, no inconsciente? Que imagens os alunos carregam numa aula de Arte? Penso na figura do catador, que há muitos por aqui. Catadores podem ser, ao mesmo tempo, metáfora e proposta, na medida em que a ideia de **catar** também se refere a se aproximar, ver de perto, analisar. **Catar** como um exercício de olhar o mundo e deixar o melhor dele em nós. Encontra-se, então, a unicidade no coletivo de forças que operam com e sobre as imagens. É uma educação transgressora no sentido de possibilitar que os estudantes reescrevam, nos processos de criação com a fotografia, caminhos e percursos para levá-los a autonomia plena e a criticidade. Aposta-se, então, que as fotografias orientem este caminho em processo, em fluxo e que os levem a trajetórias exitosas. Fragmento selecionado, recorte construído. A trajetória entre ligar o botão da câmera e desligá-lo traz à tona a questão da presença, pois registrar o que se vê é estar presente, é se colocar no espaço, é tomar decisões, é ter engajamento, é se mobilizar. A presença se coloca na construção imagética como uma possibilidade do corpo em transição, de um corpo que habita a tela e se abrem em linhas de fuga, de um corpo que se depara com uma determinada realidade e tensiona/povoa as forças de intervenção sobre ela. O que cabe em um olhar? No tempo cronológico, um olhar pode ser rápido, por exemplo, esticar os olhos para ver o voo de um pássaro. No tempo travessia, entendido num plano cartográfico, como um tempo que nos atravessa e nos afeta de algum modo, esse tempo pode ser longo ou nunca terminar. O tempo travessia implica em pensar a duração de um gesto e na fotografia ele pode ser des(dobrado) em linhas de fuga, construída na afetação dos corpos com a relação do lugar construído e presente no imaginário

coletivo. O que podem os gestos do fora na imagem? Como o fora provoca e tensiona as relações com o campo imagético/experimental e as formas de operar com as imagens em signos e símbolos compartilhados na comunicação seja verbal, gestual ou visual? Qual é o fora que nos atravessa e nos coloca como sujeitos para pensar as relações da educação e dos modos de se fazer arte? Qual fora queremos habitar e permanecer? Qual fora queremos nos distanciar? Quais os gestos do fora que permeiam as minhas relações com a natureza? **É preciso parar**. O exercício fotográfico nos dá possibilidades de adentrar o que habita o fora, o exterior que não é contemplado na máquina, tamanha a sua complexidade e, ao mesmo tempo, a sua extrema leveza. A fotografia possibilita que nós, professores, educadores e público em geral, adentramos este fora, o fora da imagem, a partir da escrita de linhas de fuga, que rizomaticamente, se conectam com outras linhas, de escape, de errância, de multiplicidade, de devaneios, de fissura, de vazão, linhas que se conectam com todas as outras existentes no universo, simplesmente pelo movimento natural, pelo soprar do vento.

> [...] Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras [...] (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 18)











[...] elevo os meus pés para alcançar o horizonte. Com a ponta dos dedos, olho o mais longe que conseguir. Calças dobradas, aperto o passo, certa do longo caminho a percorrer. Subidas e aclives incomodam a panturrilha, mas são um portal de encantos à espera. O caminho é observar a natureza e tudo o que nela habita. Em uma das placas, o nome da escola se anuncia. Lugares que são contemplados diariamente por crianças e seus familiares. Um cotidiano que pode ser banal, se olhado pela repetição, mas um começo para perceber as imagens mais impressionantes que pode haver numa simples caminhada. A elevação porque nos tira de um lugar e nos transporta para outro, o elevar-se para achar ruínas, brechas, o elevado como possibilidades da escrita-experiência pelo exercício de habitar. Recorrer às memórias, às recordações, elevar [...]

[...] lampejos

Chão. **Linhas**. **Esconderijo**. **Elevado**. **Lampejos.** Quais são os agenciamentos que as imagens enunciam no espaço escolar? Que silêncios ela reverbera? Provoca perfurações? Desequilibra? Que territorialidades as imagens habitam? Como criar linhas de força para pensar o plano de imanência que se coloca diante da professora e dos estudantes, para a construção e a produção de outras subjetividades? Diante da processualidade do ambiente ao redor, discursos vão se materializando para pensar quais práticas artísticas fazem sentido, hoje, e que dão vazão aos ecos e na multiplicidade de vozes que perduram nas paredes, nas frestas, nos cantos. Potências em fragmentos e recortes como possibilidades de imersão de uma experiência com a linguagem fotográfica e os seus desdobramentos que acontecem dentro e fora da imagem. Multiplicidade, vazão, fissura, risco. A fotografia como acontecimento, como um meio de estremecer a realidade que é dada/posta e construir algo maior, fora dela, que ocorre no percurso da experiência do corpo e do estado de ser/produzir com a arte e a cultura. *Lampejos* como algo que acontece fora dele próprio, ideias fluidas, instantâneas, prontas para tomar o seu próprio voo, no fluxo da correnteza, no devir. Provocar alguns deslocamentos do ser/estar professora e das possibilidades de uma experiência com a fotografia em sala de aula, a partir de alguns disparadores, como a tela, o recorte, a presença, o gesto, a escolha e como tudo isso transita nas relações que construímos com o mundo e com nós mesmos. Que corporalidades estão presentes no ato do registro de uma imagem? Qual é a linguagem corporal implicada no recorte de um fragmento, na qual o corpo não aparece na cena, propriamente dita, mas reverbera no imaginário coletivo e nas sensações que provoca no espectador ao ter contato com diferentes enquadramentos? Quais são as imagens que povoam o campo do sensível e se abrem em linhas de fuga que, por vezes, nos escapam? As reflexões acerca da linguagem fotográfica, no contexto da aula de Arte, se observa pelos aspectos constitutivos da construção da narrativa pelos estudantes, que acontecem por meio da escolha do ângulo, enquadramento, organização dos elementos na cena e as suas relações com o cotidiano, a partir de Deleuze e Guattari (1992) como o **fora** da ação, ou seja, o que habita a imagem, mas não aparece concretamente à luz da cena, o que existe, mas está oculto, desvendado, sem foco.

Estes ensaios se apresentam como possibilidades imersivas para pensar a fotografia no Ensino da Arte a partir das *campografias visuais* como possibilidades de experimentação no campo das imagens. Pensar o processo de refinamento, da maquinaria, da propulsão, do desejo de habitar as imagens. Que a inquietude seja o motivo de olhar, de perceber o que há de melhor em nós, de promover escritas esparsas, fragmentadas, letras que enunciam coisas, fatos, que são pistas em desejo. O conjunto de imagens apresentadas até aqui podem ser utilizados na íntegra como jogo da memória, de associação ou mesmo para serem contempladas numa tarde deitado numa rede. São imagens que ganham vazão porque agora estão compartilhadas, divididas, multiplicadas aos pares. Habitar com pés urbanos um solo verde, terroso e campesino é um gesto de resistência. Propor que os estudantes observem o espaço do campo e proponham exercícios imersivos é um modo de bordar com linhas de fuga processos de significação e de sentido a noção de pertencimento e identidade. *Campografias visuais* que se alimentam do amor coletivo, da poesia das coisas, das ruínas, dos cacos, do que sobra, da multidão, *campografias* que vão ao encontro da educação que defendemos, plural, viva e atuante frente aos desafios do cotidiano. As imagens trazem vários elementos para pensar o gesto nas multidões, o cotidiano, o que é compartilhado, de travessias comuns que nos afetam de um modo ou de outro. Qual gesto encena os silêncios e os ruídos que nos convocam a olhar as imagens?

> [...] Como professores andarilhos na cultura, nutridos cotidianamente pela contemporaneidade, em estados de invenção, atentos e sensíveis aos outros que conosco vivem processos educativos, podemos potencializar olhares outros sobre a cultura que está em nosso entorno. Escondida ou exposta, dentro dos espaços expositivos, nas cidades e no campo, na periferia e no centro, ela pode se tornar provocação [...] (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 57)

[...] campografias visuais como possibilidades de escrever com luz o cotidiano de cenas não-urbanas. Provocar um olhar curioso, atento, significativo as paisagens campesinas, a partir do que trazemos do cotidiano duro da cidade. As sutilezas e as delicadezas do campo nos convidam a pensar que visualidades construímos na escola e que percursos de territórios fragmentam as potências que escapam e deslizam nos processos de criação e (des)criação na escola [...]









[...] o esplendor se volta a si como fagulhas que o vento sopra nas multidões. Os lampejos se alastram rapidamente e nos colocam em contato com tudo que nos cercam. O ato de acender é uma esperança que se projeta. Revestida de pele de vidro fosco, a luz é alcançada pela solitude e compartilha seus movimentos com quem se aproxima. Lampejos como formas de compreender as pluralidades no aproximar do acontecimento. Lustres que enfeitam um dia de jardim e à noite, ao cair da tarde, é a paisagem que inspira o veleiro. O aparato que circunda uma grade de alumínio conta histórias e memórias de todos nós. Luz que irradia e espanta a falta de fé da caminhada, que se aproxima. Lampejar o verde de uma tarde campesina, que rega de orvalho os sonhos do poeta [...]



andanças de uma arte educadora em travessia

experiências com as/os estudantes: possibilidades estéticas/estésicas na aula de Arte e na escola

fotografar o sobre: metáforas docentes em recortes de criação

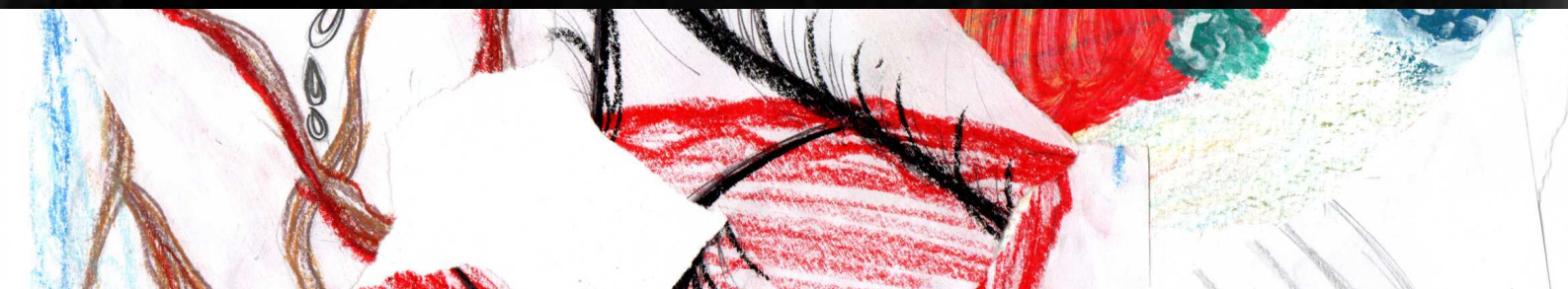
gramática da terra e as grafias do chão

recolher folhagens, restos de passagem

mosaico cromo-imagético em tessituras visuais

reticências para outras cartografias

referências



recolher folhagens, restos de passagem

> [...] A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida tirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso [...] (BENJAMIN, 1987, p. 205)

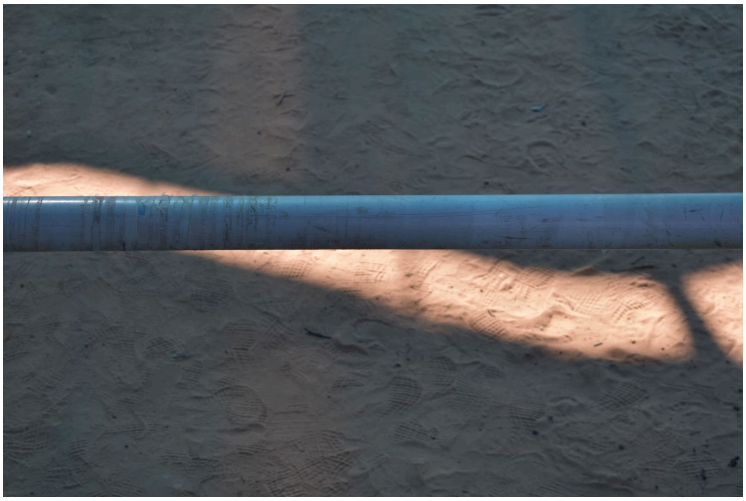
Ao propor uma caminhada fotográfica com os estudantes pela escola, procuro refazer este mesmo percurso, a partir das paisagens que vou coletando ao longo do caminho. Com a câmera nas mãos, pego carona com os estudantes para produzir algumas imagens, desempoeirar uma máquina que já não utilizo há algum tempo. Entre imagens que aparentemente são descontinuadas e que, muito provavelmente serão descartadas, me deparo com a poesia das ruínas e fixo o meu olhar sobre elas. O exercício de fotografar sem uma direção certa ou um objetivo claro e definido parece confuso e displicente no início, mas é uma tentativa de escrever com linhas de fuga no rizoma da aula de Arte, como propõe pensar os autores da filosofia da diferença. A imagem absoluta não acontece somente quando temos um caminho definido, mas ela já tem um desenho *a priori* no nosso imaginário e a sua concretização pode ser a imagem fotografada em si, mas também tudo o que decorre por meio dessa ideia ainda borrada e indefinida. Caminho pela escola observando as paisagens, recolhendo folhagens, restos de passagem. Aquilo que se torna banal, cotidiano, simples é transmutado para uma ação complexa de fruição em devir, na qual as multiplicidades se abrem no coletivo e na ação plural de estar com o **outro**. A trajetória da fotografia pela escola passa por compreender que materialidades habitam o local que passamos boa parte das horas do dia, que também constitui parte de nós que é o nosso próprio trabalho. Neste momento, o processo dessa caminhada pela escola é desdobrada por meio das *narrativas visuais* descritivas que transitam pelo campo da literatura e do cinema. A incompletude das imagens está ancorada no processo de mergulho do trabalho fotográfico a partir das linhas rizomáticas que compõem a **cartografia dos sentidos** aqui explicitada, mas também que se desdobram em linhas de fuga que é a explosão do contato visceral entre o material imagético e as memórias inventadas.






[...] uma folha é encontrada pelo caminho e nela contém linhas de esperança. Na calçada rachada, uma pequena raiz ameaça se pôr em solo. Num chão encharcado de pedaços de tijolos, folhagens, cascalhos e troncos quebrados, a vida se refaz. O caminho pela escola é saudoso e sagaz. Encontra-se absolutamente tudo, mas nem tudo é absolutamente claro. As ruínas fascinam quem ali se depara. É uma tela de poesia pintada de faíscas fatigadas de estar onde estão. O risco é sempre presente e nunca se pode abrir mão dele. As memórias imaginadas correm pela água doce das turbinas rumo à ponta de lança estreita pelo sol. O que se recolhe do chão não são coisas, são respingos do que ainda nos resta. Coloco minha mão sobre o solo e as minhas digitais se misturam na terra [...]






[...] Uma areia fina recebe tudo o que o vento traz. A sombra vem devagar ensaiando a sua coreografia de luz. Uma manga cai do pé da árvore, se mistura entre cacos de tijolos e marca a sua presença no espaço. Canos se quebram e se racham pelo tempo. No engradado azul de esperança, pedaços de canos vão sendo preenchidos com terra e pequenas folhas de verde pastel. A sombra novamente se desenha dentro dos canos perdidos e desprezados pelas mãos humanas. A manga já madura no solo arenoso anuncia que ainda há esperança. A câmera observa a cena com cuidado e atenção e já se prepara com seu olho biônico. O cair da tarde apresenta a cena para o mundo. Restos de pequenas coisas se misturam com a complexidade dos tempos e dos espaços. Uma manga não está ali de passagem. O seu verde abre o caminho que virá, com plásticos persistentes [...]



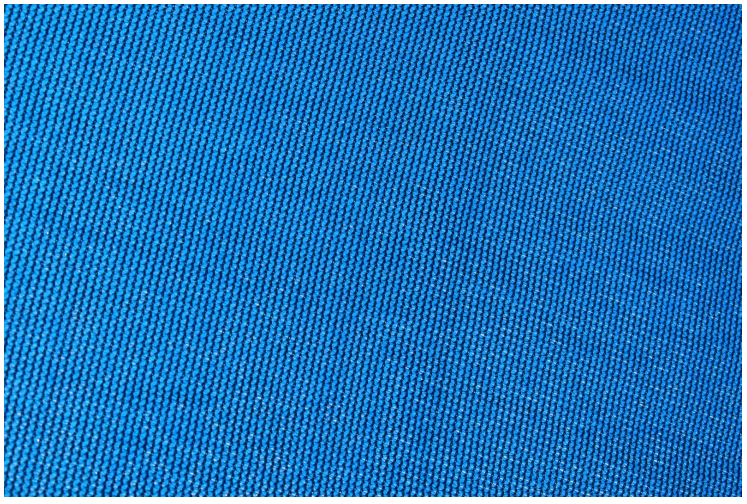






[...] Tons de terracota anunciam a passagem. Um conjunto de linhas amarradas dá o tom que a rede necessita. Uma calçada losangular traz consigo cascalhos, pedras e esperança. Tudo ali se mistura e se funde num único propósito. A câmera observadora descansa sobre o solo duro de cinza. Pés repousam para carregar a bateria, pois a estrada é longa. Olhando próximo ao mar, é possível ver a imensidão de possibilidades de um chão cotidiano. Um tronco de madeira se deita na rede que vivifica o caminho da teia como linha ímpar. A trajetória de quem navega por linhas sujas de escombros aproxima-se da beleza das ruínas ao sabor do tempo. Os sonhos adormecem e se intensificam para ver o que já se sabe, mas não se espera. A inteireza das fissuras racham o já posto e coloca um novo desafio. Uma folhinha amarela do tempo vem me contar [...]






[...] Uma reunião de cascalhos está interessada em coisas desimportantes. Dois pneus pintados com tinta acrílica dão o cenário das ondas e uma calçada losangular acompanha essa estrada. O turquesa resplandecente não é o céu, mas é como se fosse. Gangorras movimentam o corpo para cima e para baixo, mas o bom mesmo é estar na terra. As ruínas batem todos os dias na nossa porta para mostrar o que realmente importa. Uma teia azul se forma no imaginário e traduz a cena para o campo. O vento bate e volta, numa dança de ondas que mostra os caminhos e percursos da lida diária. Entre tropeços e acertos, a composição se faz. Andar sobre os cascalhos de pés descalços. A sensação de estar frente às ruínas dá o alento a um coração que está programado pelo relógio de pulso. As pedrinhas se infiltram, no dedilhar dos acontecimentos [...]






[...] um tronco de árvore nunca vai ser suficiente para contar toda a história de uma vida. Olhar para cima é ver lustres verdes que anunciam o cotidiano. Linhas de barbante são movidas, estiradas e seguram troncos que estão prestes a tomar outro destino. Um tronco forte traz o riso e a alegria constante. O que está acima é o infinito e o horizonte opera cotidianamente a sua missão. Linhas se misturam em madeiras vivas para contar sobre o que viu. A nossa felicidade transita pelas ruínas que fissuram o percurso planejado daquele dia. Rachar uma lenha e encontrar linhas de fuga pelo caminho. Fugir com elas. Contar outra história e inventar. A derradeira não é a última porta a se abrir, há outras, porém é preciso escavar até encontrar a morada dos passarinhos. Feche os olhos agora e a sua mão transitará pelas linhas corrediças [...]






[...] estamos diante de um cenário que anuncia tons de dureza cotidiana. O chão é o silêncio que transita a alma de quem se coloca em prontidão para o outro. Os cascalhos já não estão livres, como outrora, mas presos a uma camada que segura para dar o conforto necessário. Pedaços de branco se misturam com coisas importantes. A areia marca as pegadas de quem por ali passou e a medida de cada tempo estendido no espaço também se coloca como meta. Um pequeno tronco saiu sabe-se de onde para contar uma história sobre a vazão do cotidiano. Fluxos de sobrevivência também é o caos tranquilo que se projeta na areia dos acontecimentos. A inteireza do duro se coloca na cartografia de passagem, de resto, daquilo que se faz e refaz todos os dias, sem que a gente perceba. Onde os ventos remam, pedaços de tempo vem com ele como gotas de chuva [...]









[...] Uma pequena maçã desfila sobre uma linha de sombra costurada pelo tempo. Um galho desbotado repousa sobre a areia fina e tranquila de uma tarde de verão. A copa da árvore compõe o cenário de linhas reunidas pela rede de barbantes. A copa intensifica o seu verde na estrada de ruínas. O céu azul clareia o sereno de giz. A paisagem é a mesma todos os dias? Como o nosso corpo respira a seiva de rachaduras que fissuram a lida cotidiana? Uma câmera andarilha não sabe bem para onde vai, mas segue o rizoma por linhas de errância. O mapa em pedaços se faz e refaz como as peças de um quebra-cabeça. O chão é duvidoso, o caminho também é. Quem por ali transita recolhe imagens e fragmentos de uma tarde que cai no caos da solitude criadora. O tempo guia o espaço sem direção. A produção de ruínas é a matéria-prima do poeta [...]






[...] O azul turquesa limpa e abre o caminho. Copas de árvores alcançam o alto como arranha-céus. Um pequeno ninho de mato se coloca diante da calçada frágil de areia molhada. A grade enferrujada molha de sombra a passagem do vento. Tons que clareiam o ambiente, trazem o conforto e a inspiração criadora. Entre cacos e pedrinhas, escorre a luz do ritual diário. A câmera recorta fragmentos de vida, empilha num cenário e atua sobre ele. Pisar em ruínas é construir uma constante para o barulho do mar, sem ondas, onde se projeta os sonhos mais distantes. Na imaginação criadora, o argumento é chamado para dançar. O anil faz companhia para o balanço da copa festiva. O caminho é incerto, mas é preciso percorrer. Banhar-se de mar no pensamento fértil e criador. O acinzentado da terra também traz o seu fulgor, nos resquícios de ar [...]






[...] Arquitetar-se de ruínas as fissuras para o artista na solitude criadora. O chão é o berço do primeiro contato com o mundo. Nas paredes descascadas do tempo, vê-se a pintura que corrói de esperança o tempo criador. O espaço mestre consegue engendrar fios de temperança para o cuidado com o outro. Um grande bloco cinza toma conta da poesia e se projeta na linha ínfima do pensar. Lastros de sombra se aplicam na morada do chão em versos. A poesia nasce do que não se sabe ou se inventa. O exercício de fruir é a passagem para contemplar o nada, o vazio, as entrelinhas do não-lugar. A postura corporal muda conforme os silêncios que se reverberam no espaço. O pensamento já não olha pra cima, ele quer olhar as fissuras, abaixar o movimento, deitar sobre as folhagens esquecidas pelo andar apressado do relógio ambulante, deleitar-se [...]






[...] Cascalhos voltam à cena novamente. Um copo descartável é encontrado junto a folhagens que faz companhia a um bloco de isopor. Pétalas de uma planta invadem as fronteiras do portão azul de mar e pede passagem. O concreto tenta apagar a presença, mas o cano teimoso insiste em mostrar a que veio. Coisas tão banais que ganham forças da expressão humana. O cotidiano das ruínas é palco para celebração da Arte como experiência de vida. O peso dos pés abrem as fronteiras da imensidão, com corpos voláteis que se movimentam como as peças de um tabuleiro. Os restos desprezados pelo tempo são recolhidos como pérolas que saem da ostra diante de ávidos pescadores. O tempo de fissurar rompe com o já posto e movimenta o palco do espetáculo ruinoso. A câmera aguarda sem alarde o pulsar dos acontecimentos no cais [...]






[...] Uma grade enferrujada traz consigo a história que adentram os tempos e os espaços. Em cada átomo de sobrevivência, há rastros que se propagam por todo o percurso que a câmera faz e refaz no território marcado por belezas de ruínas em transe. Um pneu encaixa com outro numa montagem da ávida pesquisadora. Brilhos de luz verde reluz no visor pronto para capturar a próxima ruína em suspensão. O cotidiano é o movimento reverso de um corpo à procura da sua incompletude existencial. Olhar os pequenos fragmentos em processo é também uma atitude de coragem. A câmera caminha a passos de tartaruga para contemplar cada detalhe das ruínas em prospecção. A imagem cristaliza toda a memória guardada no arcabouço de um pensamento em polifonia. Atravessar o caminho das ruínas em dedilhados como a orquestra aberta em tessituras [...]






[...] Uma gota verde ocupa todo o centro do processo. Contornos de vida se multiplicam no ato fotográfico. A passagem é o caminho de contemplação da natureza. Resquícios do se foi se colocam em prontidão para as belezas ao nascer do sol. O chão novamente se apresenta como campo fértil de pesquisa e escritas para o poeta sonhador. Prefiro o som da areia na ampulheta ao balançar dos ponteiros do relógio que me apressa. Deleito no ócio produtivo que movimentam a estrela-do-mar em apuros. As linhas de fuga habitam uma folhagem pequena e tímida. Mergulham na cartografia para encontrar o seu entre-lugar no destino do não-lugar. A tarde cai fria e serena e já é possível observar o espetáculo do vento sobre os segredos escondidos da terra a cultivar. As paredes compartilham o encanto de frestas escuras [...]






[...] As escritas fotográficas são um desafio para a professora / artista / pesquisadora / orientadora. Entre grades lustrosas por um brilho escuro, novamente o chão é a minha morada. Os cactos e as folhagens rasteiras que residem ao rés do porto são tecidos que integram a grande tessitura do encontro da Arte com a cartografia da vida. Respirar por entre as ruínas é a missão do poeta, do artista, do professor que produz experiências e que tem um caminho trilhado para o seu fazer. As tonalidades são o movimento dos corpos em transição, na busca de sentir o que se vê, mais do que compreender a sua essência. Os caminhos da Arte na fotografia residem na matéria mais simples que possa existir, mas certa da sua dimensão e complexidade. Banhar-se de ruínas é a atividade do artista e compartilhar este exercício é contaminar a errância [...]



andanças de uma arte educadora em travessia

experiências com as/os estudantes: possibilidades estéticas/estésicas na aula de Arte e na escola

fotografar o sobre: metáforas docentes em recortes de criação

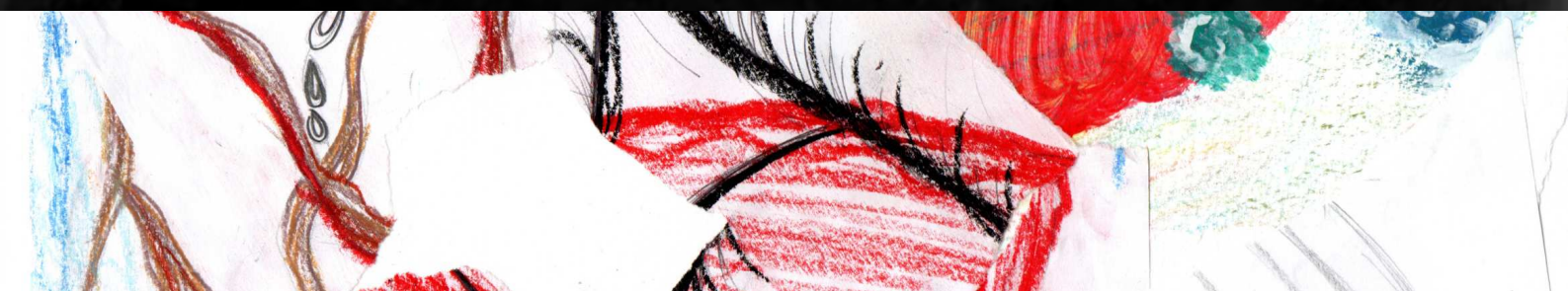
gramática da terra e as grafias do chão

recolher folhagens, restos de passagem

mosaico cromo-imagético em tessituras visuais

reticências para outras cartografias

referências



mosaico cromo-imagético em tessituras visuais

Para a escrita desta dissertação, foram utilizadas diferentes imagens fotográficas que apresentam as mais diversas cores, enquadramentos e percepções ao leitor. Nas montagens e na organização do texto, não foi utilizado um critério específico para o agrupamento das fotografias, assim, optou-se em dispor as imagens tal como elas foram produzidas, preservando suas cores e tonalidades originais, dispostas, grande parte, por ordem cronológica, mas também pela própria ideia de que uma imagem sempre tem relação com a outra, mesmo que não de modo aparente. As fotografias produzidas pelos estudantes foram organizadas em pastas com o nome de cada estudante que a produziu, seguindo a sequência em que foram transferidas para o e-mail. Quando as fotografias são utilizadas no trabalho de pesquisa, há a preocupação em que estas imagens façam algum sentido a quem está diante dela, seja pelas cores empregadas, seja pelos assuntos que têm menor ou maior visibilidade ou mesmo o que está fora da imagem - que, como vimos, é determinante e ajuda a compor o material imagético a dar sentido e unicidade a ela. Dessa forma, a organização das fotografias passa por algum critério definido pela pesquisa e a construção dos textos poéticos são escritos a partir das fotografias, sendo impactada por tal organização. Assim, todas as imagens guardam algum tipo de mistério que a fazem vir uma em seguida da outra ou no próprio conjunto das imagens. Assim, apresentamos a seguir, um **mosaico cromo-imagético**, na qual todas as fotografias serão apresentadas novamente, em tamanho reduzido, utilizando o critério cromático, com o objetivo de ser material de trabalho em sala de aula, na qual os alunos possam tomar contato com as fotografias realizadas, mas também com o cuidado de organizá-las segundo uma *poiésis* de composição que o próprio artista pode definir, a saber, por tamanho, por cores, por assuntos mais ou menos visíveis, dentre outras possibilidades. Um **mosaico** é sempre um lançar-se para olhar as ruínas de uma forma criativa, a partir do sentido visual, mas também estimulando outras áreas de percepção. O novo contato com as fotografias permite novos olhares a partir do que as imagens suscitam e abrem o caminho para outros desdobramentos imagéticos. *É possível organizar um corpo de imagens utilizando as imagens e suas tonalidades?*

[...] mosaico visual em tons acinzentados, terrosos [...]









[...] mosaico visual em tons esverdeados, ruinosos [...]



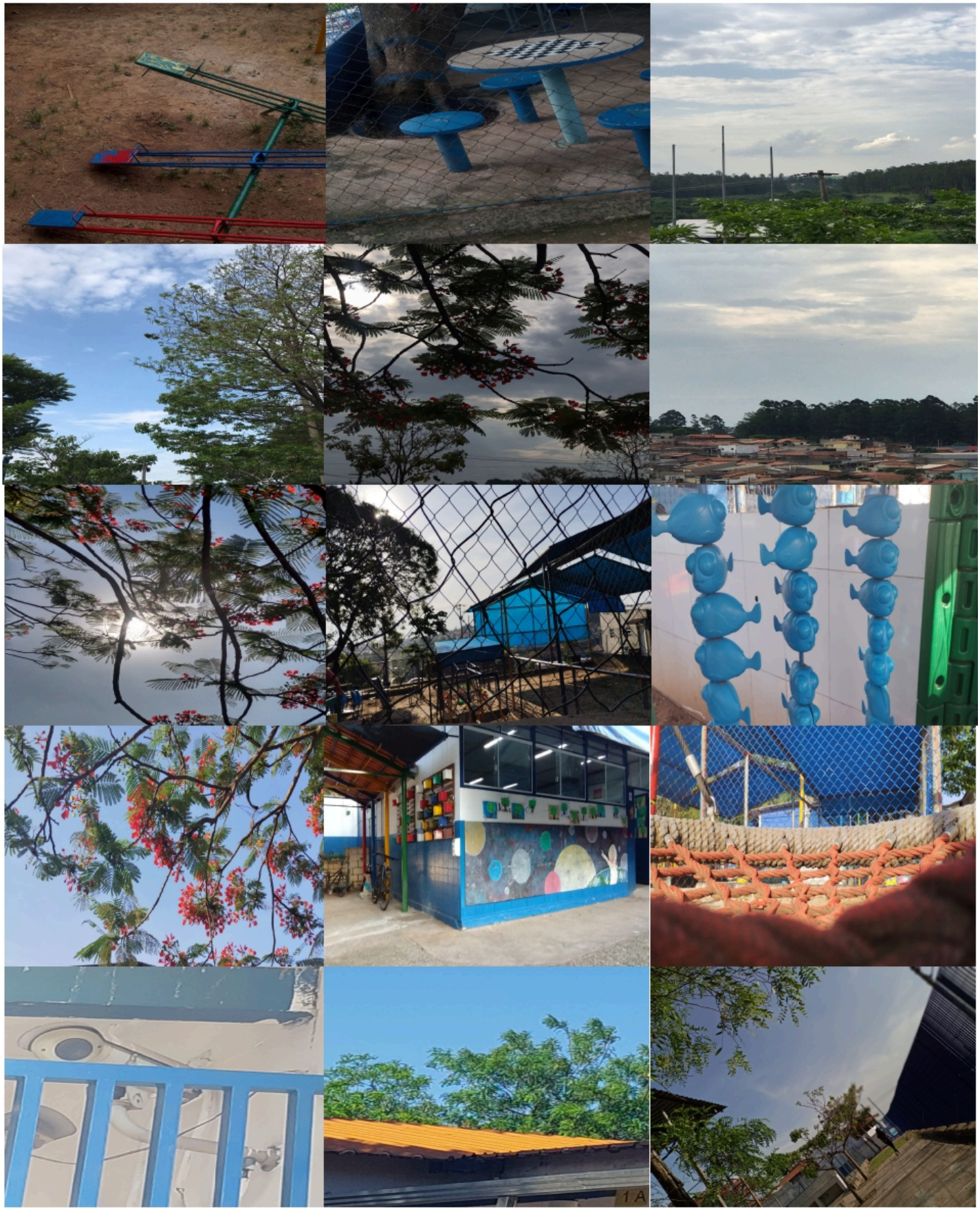





Escola Municipal
Martim Lutero

[...] mosaico visual em tons azulados, indefinidos [...]

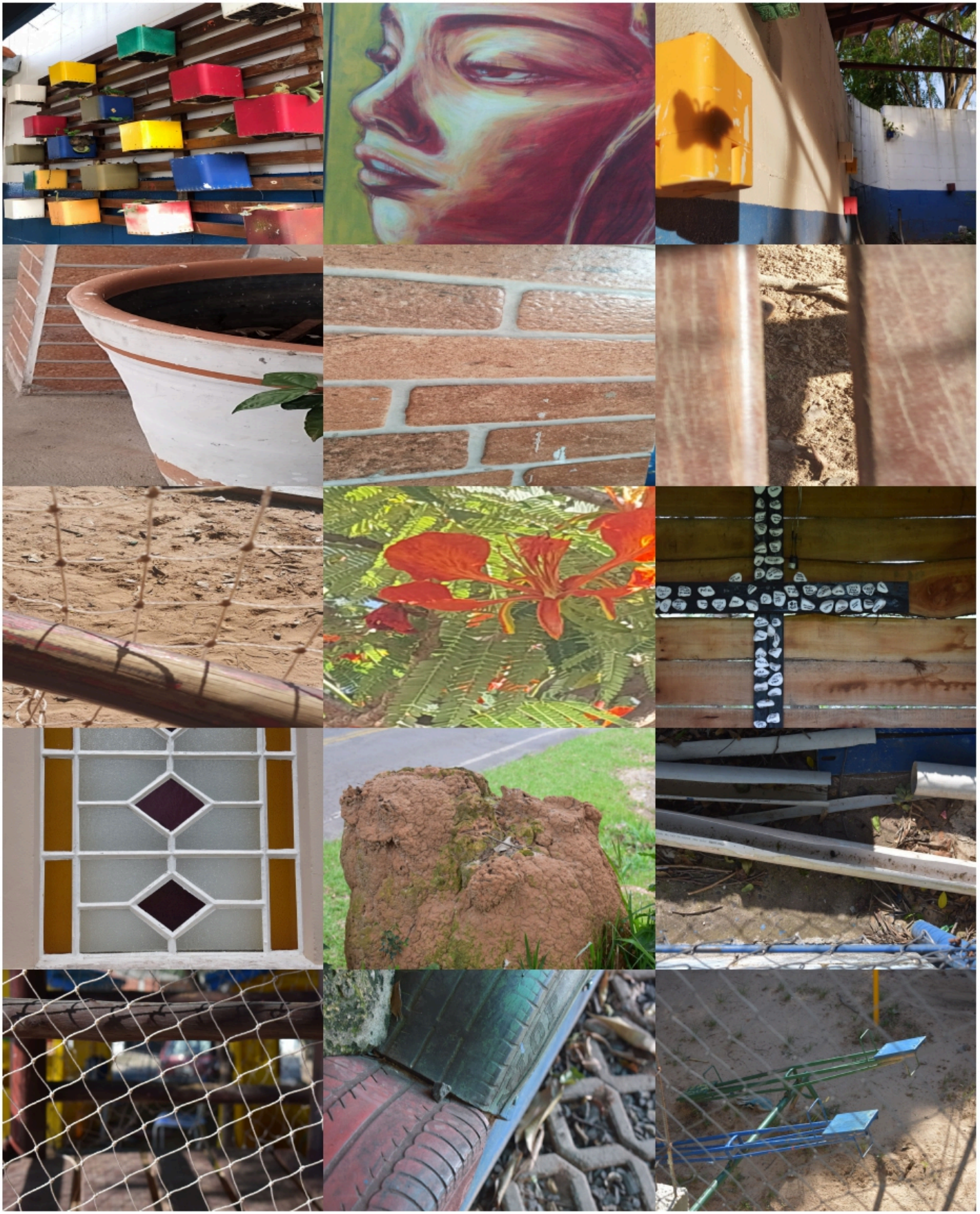






[...] mosaico visual em tons misturados, fissurados [...]







andanças de uma arte educadora em travessia

experiências com as/os estudantes: possibilidades estéticas/estésicas na aula de Arte e na escola

fotografar o sobre: metáforas docentes em recortes de criação

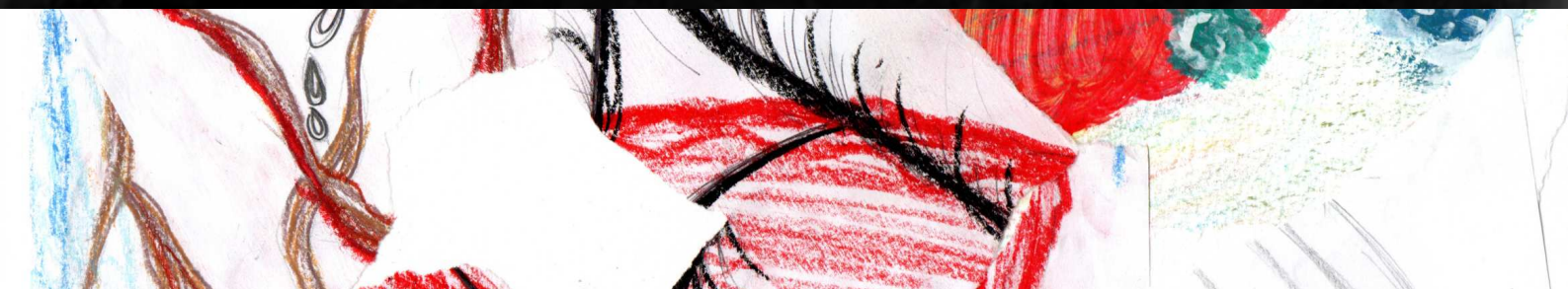
gramática da terra e as grafias do chão

recolher folhagens, restos de passagem

mosaico cromo-imagético em tessituras visuais

reticências para outras cartografias

referências



[...] reticências para outras cartografias [...]

Os gestos de criação entre **imagens** e **palavras** é a aposta da pesquisadora no trabalho pedagógico do Ensino de Arte, na qual a produção de linguagens perpassa pela ideia da experiência entre produzir *imagens* e grafar sobre elas; entre poetizar o silêncio e escrever em ruínas. As **imagens** e as **palavras** são materialidades indissociáveis. *Palavra-verbo* é *imagem* textual em movimento. *Imagens* são textos que abrem campos para diferentes possibilidades. O trabalho pedagógico no Ensino de Arte passa por explorar as ruínas que residem nas **imagens** e nas **palavras** e que se desdobram em múltiplas linguagens, como nas fotografias, recortes, colagens, esboços, fragmentos. A leitura desta dissertação sugere ao leitor o movimento do **caleidoscópio**, na qual as **imagens** e as **palavras** se abrem em múltiplos hipertextos, inferindo um silêncio ruidoso e colocando o leitor sempre em estado de criação, com um olhar tacteável e visivo sobre as produções fotográficas e das escritas que compõem todo este processo. Um **caleidoscópio** que, ao mudar de posição, sugere outras possibilidades e outros encantamentos sobre a engenhosidade que se percebe nos intermeios entre os desdobramentos que decorrem das **imagens** e das **palavras** no Ensino de Arte e na escola.

Portanto, ao final do processo de produção das *imagens* e das escritas sobre as *imagens* com os estudantes, restaram muitas dúvidas, inquietações e aberturas em suspensão. Os alunos participaram da curadoria e da seleção das imagens no momento inicial da pesquisa e durante o seu desenvolvimento. No entanto, como os estudantes seriam formandos daquele ano, não foi possível mostrar a pesquisa já finalizada no contexto escolar, pois eles se formaram na primeira quinzena de dezembro e a escrita da pesquisa foi concluída em janeiro do presente ano. Todavia, a pesquisa será compartilhada na escola, posteriormente, em *posts* nas redes sociais, na socialização dos resultados nos momentos de reunião pedagógica e na divulgação da pesquisa em grupos de estudos de professores de Arte da rede. Dessa forma, a pesquisa não pretende ficar apenas no repositório institucional, mas transcender as fronteiras da universidade e chegar nas salas de aula, como possibilidades para um Ensino de Arte sensível, potente, artístico e pedagógico.



andanças de uma arte educadora em travessia

experiências com as/os estudantes: possibilidades estéticas/estésicas na aula de Arte e na escola

fotografar o sobre: metáforas docentes em recortes de criação

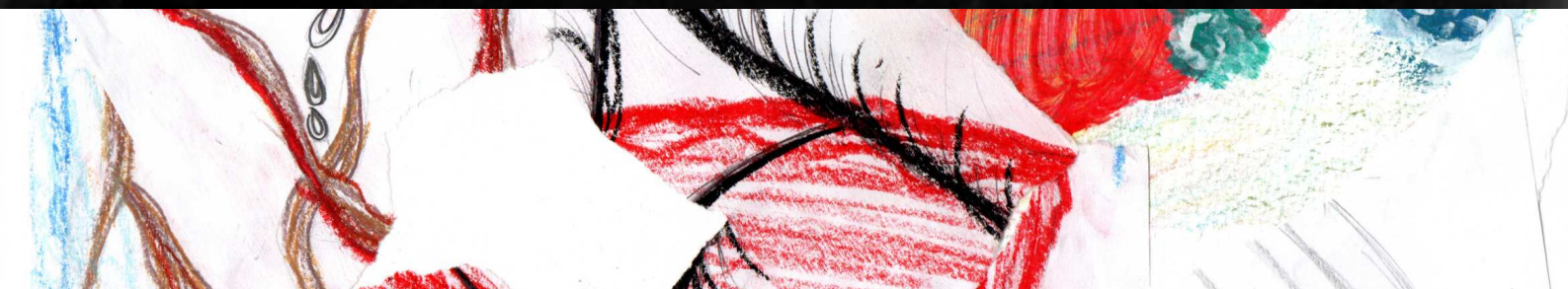
gramática da terra e as grafias do chão

recolher folhagens, restos de passagem

mosaico cromo-imagético em tessituras visuais

reticências para outras cartografias

referências



referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARROS, Manoel de. **Ensaios fotográficos**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.

_____. **Memórias inventadas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CALDAS, Waltercio. Desenhar. In: DERDYK, Edith (org). **Disegno**. **Desenho**. **Desígnio**. São Paulo: Senac, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, 1995.

DERDYK, Edith. **Linhas de costura**. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MATTAR, Sumaya. **Sobre arte e educação**: entre a oficina artesanal e a sala de aula. Campinas: Papirus, 2010.

NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser criativo**: o poder da improvisação na vida e na arte. São Paulo: Summus, 1993.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino de Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.) **Inquietações e mudanças no ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 71-82.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Intermeios, 2011.

_____. **Redes da criação**: construção da obra de arte. Vinhedo: Horizonte, 2006.